UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa

JORGE MARIANO DOS SANTOS

Gramaticalização do aspecto iterativo no português do Brasil : o verbo *viver*

São Paulo

Junho / 2010

ERRATA

Página 55, 8ª linha, onde se lê: PNLEM.

Leia-se: PNLEM (Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio).

Página 58, 9ª linha, onde se lê: Enem.

Leia-se: Enem (Exame Nacional do Ensino Médio).

Página 64, Quadro 05, onde se lê: Amostras de produções orais do verbo *viver*.

Leia-se: Amostras de produções orais transcritas do verbo *viver*.

Página 86, REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS – Inclusão de obras.

JORGE MARIANO DOS SANTOS

Gramaticalização do aspecto iterativo no português do Brasil : o verbo *viver*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filologia e Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes.

São Paulo
Junho / 2010

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes (orientadora – USP)

Prof. Dr. Osvaldo Humberto Leonardi Ceschin (USP)

Prof. Dr. Sandoval Nonato Gomes Santos (USP)

Suplentes:

Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb-Galvão (UFG)

Profa. Dra. Nilza Barrozo Dias (UFF)

Prof. Dr. Marcelo Módolo (USP)

"A little learning is a dangerous thing;
drink deep, or taste not the Pierian spring:
there shallow draughts intoxicate the brain,
and drinking largely sobers us again."

Alexander Pope (1688 - 1744)

DEDICATÓRIA

Dedico ao virtuoso Sr. Mariano

e

a doce Emmanoela

AGRADECIMENTOS

A Deus.

À minha orientadora, a incansável Professora Dra. Maria Célia Lima-Hernandes, pelo modo acolhedor e competente com que conduziu a orientação desta pesquisa.

À Universidade de São Paulo – USP, pelo acervo da biblioteca Florestan Fernandes e toda infra-estrutura que essa instituição de ensino disponibiliza ao aluno.

Ao Professor Dr. Osvaldo Humberto Leonardi Ceschin, que de forma brilhante pôde contribuir com seus comentários na qualificação desta dissertação.

Ao Professor Dr. Sandoval Nonato Gomes Santos, que evidenciou pontos relevantes para a conclusão deste texto final.

À minha sempre presente mãe, que concedeu esse privilégio de me assistir até esse momento.

A minhas queridas irmãs, Silvia e Lucia.

À Iracema de Souza, filhas e genro.

A todos os orientandos da Professora Dra. Maria Célia, com os quais tive o privilégio de estudar ou participar de alguns eventos culturais.

Aos professores da UNIMESP, em especial, Carlos Alexandre Pompeu pelo apoio.

Especial carinho

À Professora doutora Maria Célia Lima-Hernandes por ter orientado meu caminho profissional. Creio que um obrigado não possibilitaria expressar minha gratidão. Nunca serás esquecida por mim.

RESUMO

O objetivo deste trabalho consiste na análise do processo de gramaticalização do verbo *viver*, que parte de sua função original como verbo pleno e assume novas funções, ao ponto de se recategorizar como verbo quase-auxiliar, exprimindo aspecto continuativo. Segundo Heine (1993), verbos plenos produtivos nas línguas podem ser submetidos a processos de auxiliarização em níveis e forças distintos, e esses níveis e forças podem ser representados pelos padrões funcionais do verbo *viver.* Demonstraremos que esses deslizamentos unidirecionais movidos por abstratização são guiados por processos cognitivos correlacionados à mudança no estatuto categorial do item em processo de gramaticalização. Para fazê-lo, utilizaremos a escala de categorias cognitivas propostas por Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991, p. 55): pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade, em sua proposta de versão sugerida no bojo do Grupo de Pesquisa em Mudança Gramatical (Lima-Hernandes, 2009) para: pessoa > objeto > instrumento > espaço > tempo > processo > qualidade. Para realizar essa tarefa, faremos uso de um *corpus* composto pelos seguintes materiais: i. Dossiês do DEOPS/SP (1924 -1945), nos quais se encontram informações e documentos fundamentais para uma compreensão mais abrangente da vida política, social e cultural de São Paulo na primeira metade do século XX; ii. Debates exibidos na MTV (*Music Television* – edição brasileira), recolhidos em um programa semanal que discute os assuntos mais polêmicos do momento com convidados especialistas, profissionais, estudantes e pessoas comuns. iii. Entrevistas variadas concedidas ao jornal *Folha de S. Paulo* e à revista *VEJA*. Com base no *corpus* escrito, iniciamos um exercício de busca das motivações que fazem o verbo *viver* ser empregado em funções mais abstratizadas. Essa busca permitirá hipotetizar a rota de mudança e norteará a hipotetização do gatilho que fez com que o falante da língua portuguesa no Brasil reanalisasse expressões linguísticas com o verbo *viver* pleno em estruturas de auxialirização.

PALAVRAS-CHAVE: gramaticalização; verbo *viver*; auxiliarização; aspecto verbal; português do Brasil.

ABSTRACT

The objective of this research consists in the analysis of the process of grammaticalization of the verb *to live*, that it has left of its original function as full verb and assumes new functions, to the point of recategorization as Quasi-auxiliary verb, expressing continuative aspect. According to Heine (1993), productive full verbs in the languages can be submitted to auxiliarization processes in distinct levels and strength, and these levels and strength may be represented by the functional standards of the verb *to live.* We will demonstrate that these unidirectional movements stimulated by abstraction are guided by cognitive processes correlated to the change in the categorial statute of the item in gramaticalization process. To demonstrate it, we will use the scale of cognitive categories presented by Heine, Claudi and Hünnemeyer (1991, p. 55): person > object > process > space > time > quality, in his proposition of version suggested by the Group of Research in Grammatical (Lima-Hernandes, 2009) Change to: person > object > instrument > space > time > process > quality. To carry through this research, we will use corpus arranged by the following materials: i. Dossiers of the DEOPS/SP (1924 -1945), in which it might be possible find basic information and documents that permit a better understanding of the politic, social and cultural life in São Paulo in the first half of century XX; II. Debates shown on MTV (Music Television - Brazilian edition), collected in a weekly program that argues the most controversial subjects of the moment with guests like: specialists, professionals, students and common people. III. Varying interviews granted to *Folha de S. Paulo* newspaper and to *VEJA* magazine. On the basis of written *corpus*, we initiate an exercise of search of the motivations that allow the verb to live being used in more abstracted function. This search will allow to get the hypothesis the change route and guide the hypothecal trigger that made with that the speaker of Portuguese language in Brazil has reanalyzed linguistic expressions with the verb *to live* in its full meaning in auxiliarization structures.

KEYWORDS: gramaticalization; verb to live; auxiliarization; verbal aspect; Brazilian Portuguese language.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Parâmetros da Gramaticalização (Lehmann (1995 [1982, 164]) …...…..... 31

Quadro 02 - Dicionários: registros do verbo *viver* como pleno e auxiliar 42

Quadro 03 - Travaglia (1985:53) noções aspectuais ……..……..……. 58

Quadro 04 - Amostras de produções escritas do verbo *viver* ……..……... 64

Quadro 05 - Amostras de produções orais do verbo *viver* ……..……. 64

Quadro 06 - Padrões funcionais do verbo *viver* ……..…….. 69

Quadro 07 - Análise quantitativa do verbo *viver* ……..……. 70

SUMÁRIO

Resumo 08
Abstract 09
Lista de quadros 10

Introdução 11

Capítulo I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 16

1. Funcionalismo: integração da pragmática na teoria gramatical 16
2. Gramaticalização em processo 19
2.1. Controle do processo de gramaticalização 22
2.1.1. A proposta de Hopper..... 23
2.1.2. A proposta de Heine..... 26
2.1.3. A proposta de Lehmann 31

Capítulo II - O VERBO *VIVER* NO PORTUGUÊS 34

1. Em trabalhos lexicográficos 34
1.1. Dicionários que priorizam a sintaxe do verbo 40
2. Mudança gramatical e implicações pedagógicas 44
2.1. A auxiliaridade em gramáticas da língua portuguesa 44
3. Situação do verbo *viver* no livro didático: a transmissão categorial 53
3.1. Manuais didáticos: das primeiras décadas de XX até o PNLEM 54

Capítulo III - DE VERBO PLENO A VERBO ASPECTUAL..... 60

1. Constituindo um *corpus* para a análise 60
2. Padrões funcionais do verbo *viver* 65
3. Avaliando a atuação de categorias cognitivas 71
4. Checando a atuação dos estágios de Heine 73
5. Checando os princípios de Hopper 75
6. Checando os parâmetros de Lehmann 78

Considerações finais 80
Referências bibliográficas 86

INTRODUÇÃO

Numa sociedade em incessante mudança, caracterizada pela inovação, surgem com muita frequência novos conceitos, novos modos de vida, novos objetos, e a língua, por meio de seus usuários, acompanha essas mudanças dando amparo a essas inovações. Assim, palavras são adaptadas, de modo que significações e estruturas de que fazem parte das situações comunicativas passem a dar conta dessa nova realidade. Dentre essas palavras, os verbos são os principais elementos para construções e renovações do sistema linguístico quando se trata de codificar eventos e ações em suas nuanças temporais de realização. É o que acontece com o verbo *viver*.

A escolha do tema de pesquisa e do verbo *viver* como objeto de estudo se deu logo no início do curso de pós-graduação oferecido pela USP com a disciplina "A interface Sociolinguística/Gramaticalização", pois mesmo desconhecendo as bases teóricas do processo de gramaticalização e conhecendo de forma perfunctória o polo funcionalista, os verbos e locuções verbais, há muito, têm despertado grande interesse, especialmente porque nos ocupamos da docência de línguas, e a classe dos verbos traz muitas divergências com relação à auxiliaridade, transitividade e aspecto. Compreender melhor o processo de gramaticalização, perceber que alguns verbos plenos com o tempo vão perdendo sua força semântica e sofrem uma forte tendência à auxiliarização foi uma constatação que culminou com a escolha do tema.

O presente trabalho tem por objetivo descrever e explicar o processo de gramaticalização do verbo pleno *viver* em construções perifrásticas, atribuindo-lhe uma função gramatical de *aspecto*, indicando hábito. Essa análise é desenvolvida por meio da abordagem funcionalista que, de acordo com Dik (1997, *apud* Lima-Hernandes,

2005) objetiva a descrição e a explanação das línguas focalizando os aspectos pragmático e psicológico, que estão presentes nas situações comunicativas. Essa descrição partirá de situações reais de interação verbal, razão pela qual o contexto torna-se parte inseparável.

O mais importante princípio que permite dizer que um processo de gramaticalização está em curso é a unidirecionalidade. Então, selecionamos alguns encaminhamentos para verificar se a mudança operada pode ser explicada pelo processo de gramaticalização. O primeiro recurso foi aplicar os princípios da gramaticalização propostos por Hopper (1991, pp.22-23), os quais permitirão apreender o processo em curso, mesmo quando em estágio muito incipiente. Também lançamos mão dos parâmetros de Lehmann (1995 [1982, 164]), que têm como finalidade verificar e avaliar o grau de autonomia de um item, e dos sete estágios para a gramaticalização de verbos auxiliares descritos por Heine (1993, pp. 58-66).

Em estudo-piloto com dados da sincronia e da diacronia, reconhecemos que era fato o deslizamento funcional do verbo *viver* numa direção típica de gramaticalização, qual seja, pleno > quase-auxiliar e que, em seu grau extremo de mutação, assume um processo de auxiliarização que o torna em verbo com característica aspectual.

Em nossos estudos iniciais realizamos uma pesquisa diacrônica usando dados retirados da obra *"A Demanda do Santo Graal"*, editada por Augusto Magne (1944), cuja fonte é uma prosa medieval portuguesa escrita entre os séculos XIII e XIV. Apesar de conhecermos as alterações impostas pelo editor à obra no que se refere, especialmente, às elisões orientadas por objetivos religiosos, esse dado não afetou as análises e conclusões à época, justamente porque não houve nenhuma ocorrência do verbo *viver* como perífrase. Esse em si já se mostra um resultado interessante, ainda mais se pensarmos que se trata de uma narrativa longa que explora as experiências

cotidianas, que sempre envolvem a marcação aspectual. Esse resultado fez com que mudássemos o rumo desta pesquisa, passando a estabelecer um recorte temporal mais próximo do atual, qual seja, do século XX ao XXI.

Outra inquietação no início desta pesquisa foi analisar o substantivo *vida*, pois havia a possibilidade de que esse substantivo, numa rota de abstratização, pudesse ter fomentado o processo de auxiliarização do verbo *viver*. Percebemos que, embora em estruturas sintáticas diferentes como em (a), (b) e (c) que seguem, a ocorrência (c) ***Ele vive fazendo*** cálculos na empresa onde trabalha (folha de S. Paulo 20/08/2007) não difere semanticamente do que notamos em (a), construção com o substantivo *vida* e o verbo *fazer* indicando aspecto cursivo habitual, ou mesmo em (b), construção na qual o verbo *viver* assume a função de auxiliar.

(a) ***A vida dele é fazer*** cálculos na empresa onde trabalha.

(b) ***Ele vive a fazer*** cálculos na empresa onde trabalha.

(c) ***Ele vive fazendo*** cálculos na empresa onde trabalha. (folha de S. Paulo 20/08/2007)

Para justificar essa possível rota, analisamos, numa etapa preliminar, o *corpus* selecionado a fim de encontrar alguma evidência linguística ou algum fator sociolinguístico que ateste essa trajetória. Essa busca foi em vão, pois encontramos somente três ocorrências similares à ocorrência (a) com o substantivo *vida*. Por esse motivo não pudemos precisar que o processo de auxiliarização do verbo *viver* tenha decorrido da abstratização do substantivo *vida*.

Dando seguimento ao trabalho, para analisar o processo em curso de gramaticalização do verbo pleno *viver* para auxiliar, centramos atenção no estudo da unidirecionalidade, decisão que nos provocou os seguintes questionamentos:

a) Qual o estatuto formal da auxiliaridade verbal?

b) Os cinco princípios de Hopper ratificariam o processo de gramaticalização?

c) Os estágios propostos por Heine (1993) aplicam-se ao verbo *viver*?

d) Haveria unidirecionalidade na rota de gramaticalização do verbo *viver*?

e) Qual seria a possível rota de mudança assumida pelo verbo *viver*?

Reconhecer o estatuto formal da auxiliaridade verbal é questão prioritária, pois a partir das propriedades encontradas, poderemos separar de forma mais apropriada cada um dos padrões funcionais do verbo *viver*. Cumprida essa etapa, centraremos atenção no foco sugerido pela questão (b), qual seja, se seriam esses padrões decorrentes de um processo de gramaticalização. Para dar conta dessa questão, teremos que examinar tanto os princípios de Hopper quanto os estágios de Lehmann. A combinação dessas duas propostas permite lidar com a gramaticalização incipiente (Hopper) e com a gramaticalização mais intensa (Heine). Num passo seguinte, deveremos organizar os padrões em uma linha de abstratização unidirecional para tentar, ao final, identificar a possível rota de mudança de cada padrão. Provavelmente, nessa organização teremos alguma resposta sobre gramaticalização e as relações entre itens-fonte e itens-meta.

Portanto, para responder a essas questões, organizamos esta dissertação da seguinte maneira: no primeiro capítulo, apresentaremos um histórico sobre os estudos da gramaticalização e os pontos relevantes sobre a autonomia de verbos auxiliares, fundamentados, principalmente, na proposta de Heine. No capítulo II, trataremos do objeto sob análise o verbo *viver*. Para tanto, executamos um rastreamento lexicográfico dos valores e acepções ligados ao verbo *viver.* Essa busca percorre o período que vai do século XIX até o presente. Também apresentaremos a sistematização de um levantamento do estatuto de verbos auxiliares em gramáticas da língua portuguesa. Ainda no mesmo capítulo, apresentaremos a análise da

gramaticalização do verbo *viver* e as implicações que decorrem dessa mudança gramatical para o ensino/aprendizagem dos verbos no ensino médio das redes públicas de ensino de São Paulo. Essas escolhas ligadas à normatização e ao ensino justificam-se pelos questionamentos que fazemos sobre o estatuto do verbo *viver* nas categorizações assumidas pela escola. No capítulo III, exporemos a metodologia adotada para seleção de amostras para a composição do *corpus,* bem como para a análise dos dados recolhidos no *corpus.* Na sequência, evidenciaremos quais os critérios propostos pelos estudiosos da gramaticalização que serão empregados como ferramenta para responder as questões inicialmente formuladas. Descreveremos os padrões funcionais que favoreceram o reconhecimento da auxiliarização do verbo *viver* , apresentaremos as relevantes contribuições de Heine (1993) sobre o processo de gramaticalização dos verbos auxiliares, adequaremos os cinco princípios de Hopper (1991) ao verbo *viver* e checaremos os parâmetros de Lehmann (1995). Ao final, apresentaremos as considerações finais, que tratarão de sistematizar as questões e respostas que puderam ser dadas para a rota de gramaticalização do verbo *viver* no português do Brasil.

A abordagem que conduzirá o desenvolvimento desses capítulos deriva do funcionalismo linguístico, cujo desafio maior é estudar a língua na interação social, haja vista a significação das palavras decorrerem igualmente das condições de produção. Se a função comunicativa da língua exerce influência sobre sua forma (Nichols, 1984, *apud* Neves, 2004:55), então nos parece que todas as vertentes da abordagem funcionalista prestam-se eficientemente a analisar o objeto linguístico investigado.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentaremos uma resenha sobre as várias vertentes do funcionalismo, com base nos estudos de Neves (2004). Em seguida, veremos o histórico dos estudos de gramaticalização de acordo com Heine, Claudi & Hünnemeyer (1991), percorreremos os cinco princípios de Hopper (1991) e os parâmetros de gramaticalização paradigmáticos e sintagmáticos de Lehmann (1995 [1982]).

1. Funcionalismo: integração da pragmática na teoria gramatical

Um dos objetivos principais da abordagem funcionalista é constatar o modo como determinada língua é usada por seus falantes para fins de comunicação, ou seja, as funções que ela exerce para atingir as suas intenções no momento da enunciação. A corrente funcionalista apresenta divergências e aproximações, o que é habitual em uma abordagem dessa magnitude, pois analisa a língua num determinado contexto histórico e sócio-cultural. Maria Helena de Moura Neves (2004: 01), assim discorre sobre o funcionalismo:

> "Caracterizar o *funcionalismo* é uma tarefa difícil, já que os rótulos que se conferem aos estudos ditos "funcionalistas" mais representativos geralmente se ligam diretamente aos nomes dos estudiosos que os desenvolveram, não a características definidoras da corrente teórica em que eles se colocam. (2004:01)

O funcionalismo apresenta várias vertentes, todas, porém com uma base em comum, a de que o componente discursivo desempenha um papel preponderante na gramática de uma língua.

Podemos resumir as grandes correntes em pelo menos três vertentes: uma conservadora, que se limita a enfatizar a inadequação do modelo formalista, sem propor uma análise própria e, supostamente, mais adequada; uma radical, que rejeita o conceito de estrutura e defende que as regras assentam na função sem restrições sintáticas; e uma vertente moderada que aponta a inadequação do modelo formalista, mas suscita uma análise da estrutura linguística. Este estudo insere-se na vertente mais moderada, por refutar o estudo da forma pela forma, orientada por um padrão ideal, ao mesmo tempo em que descreve estruturas tanto olhando para a forma quanto para sua função, mas sempre com base em produções reais.

Ainda que o funcionalismo tenha tido seu início em 1926 com a fundação do Círculo Linguístico de Praga[1], é possível perceber que muitas evoluções foram se apresentando ao longo do século XX. A Escola de Praga, já pelos seus expoentes, demonstrava essa tendência em difundir-se para áreas distintas, não mais priorizando a sintaxe pela sintaxe. Mathesius, Trubetskoy e Jakobson deixaram contribuições relevantes cada um em uma área específica. Jakobson, por exemplo, manteve as três funções da linguagem apontadas por Bühler[2], atribuindo-lhes novos nomes (referencial, emotiva e conativa), ao mesmo tempo em que introduz outras três ligadas a áreas de estudos atualmente bem definidos: a fática (que foi investigada fortemente a partir da década de 1970 no Brasil pelos pesquisadores da área da Análise da

---

[1] Somente a partir de 1928, com o manifesto da Escola de Praga no 1º Congresso Internacional de Linguística, que o movimento tomou porte internacional, tendo associados do mundo todo.

[2] Karl Bühler, linguista e psicólogo alemão, sistematizou as funções da linguagem tomando, como ponto de partida, a *representação* - característica, por excelência, da língua - e reconhecendo duas outras funções, *a manifestação psíquica* e o *apelo*.

Conversação), a metalinguística (amplamente estudada pela Gramática de textos atualmente) e a poética (que desde sempre foi estudada, pela estilística, pela literatura e pela teoria literária, mas hoje pela área de gêneros discursivos se mostra renovada).

No processo de comunicação, ora existe a predominância de uma função num determinado enunciado, ora em outro, configurando-se, em cada mensagem, a predominância de uma função primária sobre as secundárias. Outras escolas, como a Escola de Londres (com Firth e Halliday), a Escola da Holanda (com Reichling e Dik) e a Escola de Genebra (passando, principalmente, por Saussure) são representantes do funcionalismo. Segundo Neves (1994), as duas grandes funções da linguagem relevantes para o enfoque funcionalista são a referencial e a pragmática que levam em conta os interlocutores e o contexto.

Hoje temos as bases do funcionalismo combinadas aos pressupostos teóricos da gramaticalização, principalmente quando admitimos que todo uso criativo parte de uma forma já em uso, exigindo da situação ou do contexto comunicativo a projeção de propriedades capazes de alterar a função de uma velha forma.

Assim, elementos linguísticos são empregados nos diferentes níveis linguísticos para atingir um objetivo comunicativo específico. A escolha dos verbetes e a construção sintática no uso das figuras de linguagem que ocorre devido às necessidades de comunicação não satisfeitas pelas formas já existentes podem ser algumas das estratégias disponíveis para empreender usos inovadores.

A extensão metafórica, efeito decorrente do emprego de significados mais concretos para descrever expressões linguísticas mais abstratas, atua no processo unidirecional de mudança linguística, que pode ser a gramaticalização, embora a lexicalização também possa ser unidirecional. Martelotta (1986, p.54) a esse respeito define metáfora como “um processo unidirecional de abstratização crescente, pelo

qual conceitos que estão próximos da experiência humana são utilizados para expressar aquilo que é mais abstrato e, consequentemente, mais difícil de ser definido". Assim, metáfora não pode ser compreendida exclusivamente como ferramenta para uma se atingir uma linguagem mais poética, mas também como mecanismo típico de mudanças unidirecionais.

Como a visão funcionalista tem a concepção de linguagem como não-arbitrária, motivada e icônica, a extensão metafórica é um importante elemento linguístico atuante no processo de gramaticalização. Nesta dissertação, ficaremos atentos à grande probabilidade de identificar em fases específicas do processo unidirecional o uso de metáfora para explicar a evolução do verbo *viver*.

2. Gramaticalização em processo

As informações aqui sintetizadas são baseadas em Heine, Claudi & Hünnemeyer (1991a), especialmente na seção introdutória em que fazem um histórico dos estudos sobre gramaticalização e sobre o emprego do rótulo.

Estudos iniciais sobre gramaticalização datam do século X na China, e continuam a se desenvolver no século XVII na França e no século XVIII na Alemanha e nos Estados Unidos. Nomes como os de Condillac, Rosseau, Tooke, Bopp, Humboldt dentre outros contribuíram muito para a compreensão desse processo histórico, mas é somente no século XX, especificamente em 1912, que o linguista francês, Antonie Meillet, cunha o termo para referir-se à atribuição de um caráter gramatical a uma palavra outrora autônoma.

Meillet (1912) propõe inicialmente a existência de três classes de palavras: as palavras principais, as palavras acessórias e as palavras gramaticais, indicando que entre elas há uma transição gradual. A esse processo de transição chamou gramaticalização, entendido como a "atribuição de um caráter gramatical a um termo outrora autônomo" (Meillet *apud* Heine, Claudi e Hünnemeyer, 1991).

Em meados dos anos 1970, o aspecto discursivo pragmático conseguiu espaço entre os dois módulos linguísticos (que eram: o léxico e a gramática) e foi considerado como um parâmetro, passando a ser um fator importante para a compreensão mais específica da estrutura linguística e para o desenvolvimento de estruturas sintáticas e de categorias gramaticais. Dessa forma, a gramaticalização passa a ser vista como um processo de criação da gramática através da necessidade discursiva. A importância de seu reconhecimento na interação entre discurso e gramática abriu novos caminhos no campo da pesquisa.

De acordo com estudos mais recentes, há vários conceitos de gramaticalização, dentre eles numa visão mais moderna Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991a) definem como um fenômeno universal de mudança linguística que envolve qualquer tipo de função gramatical. Os autores também admitem que o homem utiliza, em primeiro lugar, os conceitos relacionados com partes do seu próprio corpo e propõem o seguinte *continuum* de desenvolvimento metafórico: Pessoa > Objeto > Processo > Espaço > Tempo > Qualidade[3] .

Dependendo da função exercida dentro de uma situação comunicativa, um item ou expressão linguística pode assumir outras funções, ou seja, pode sofrer mudanças

[3] No grupo de Mudança Gramatical do Português, resultados de pesquisa evidenciaram que esse *continuum* poderia ser diferente. A proposta do grupo é a integração da categoria PROCESSO em posição anterior à da categoria TEMPO, pois entende-se que este é primitivo em relação àquele. Portanto, a categoria PROCESSO estaria inclusa mais à direita no *continuum* original.

categoriais, propiciadas por mudanças a partir de suas partes componentes: semântica, discurso e gramática.

Dentre os vários processos de mudança linguística, a gramaticalização, que é a alteração das propriedades sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas de uma unidade linguística que promove a alteração de seu estatuto categorial, é o mais comum nas línguas em geral. A constante renovação do sistema linguístico, percebida pelo surgimento de novas funções para formas já existentes, e de novas formas para funções já existentes, evidencia a concepção de gramática emergente. Desse modo, gramaticalização pode ser considerada como um processo dinâmico que reflete não somente o movimento contínuo em torno da estrutura (nas relações estabelecidas), mas ainda como uma atividade cognitiva com reflexos na própria estrutura (Heine, Claudi & Hünnemeyer, 1991).

O componente social é primordial para a rota de gramaticalização, por isso Heine, Claudi & Hünnemeyer (1991a), são totalmente favoráveis à interdependência entre gramaticalização e os seguintes fatores: a) contato entre línguas; b) interferência entre as formas escrita e falada de uma língua; e c) contexto sociocultural. Para esses autores a gramaticalização tem seu início por meio de forças que estão fora da estrutura linguística, tornando possível a ampliação de uso sintático-semântico de formas já existentes na língua, assim as formas vão diacronicamente assumindo funções pertinentes a palavras de outras categorias gramaticais. O uso de metáfora e outras figuras estilísticas fazem parte desse processo como citam os autores: “ampliar o uso de formas existentes para a expressão de novos conceitos, estratégias que incluem transferência analógica, metonímica, metafórica” (p. 27).

De acordo com os princípios teóricos e sua aplicação, a gramaticalização pode ser analisada como *paradigma*, ou seja, estudá-la numa visão mais ampla de mudança, com o objetivo de perceber de que modo ela afeta o paradigma-fonte e o

paradigma-meta. Pode ser considerada *processo* se o foco estiver na identificação e análise dos itens que se tornam mais gramaticais, a fim de reconhecer a graduação implicada nesse processo linguístico para análise das fases dos deslizamentos operados. Gramaticalização pode, ainda, ser vista sob duas perspectivas de acordo com o tipo de trabalho ou metodologia a ser desenvolvida para o estudo do fenômeno: (i) diacrônica, quando se destina a atenção para as explicações de como as formas gramaticais surgem e exercem suas funções na língua; (ii) sincrônica, se o estudo objetivar a identificação de graus da gramaticalidade que uma forma linguística desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais.

2.1. Controle do processo de gramaticalização

Após o estudo de categorias e suas mudanças e a resolução do problema do tipo de categoria envolvida nesse processo, alguns autores começaram a se perguntar sobre como controlar o processo de processo de gramaticalização. Seria a gramaticalização mensurável em estágios? Haveria princípios capazes de nos fazer saber se é um processo já antigo ou recente na língua?

Para discutir essas questões, selecionamos três autores que se preocuparam com o processo de gramaticalização: Hopper, Heine e Lehmann. O primeiro preocupou-se em estabelecer princípios que atuassem em qualquer fase da mudança, portanto seriam também reconhecidos em estágios tenros de mudança. O segundo preocupou-se com a mudança da categoria exclusivamente verbal: quais os estágios atinentes à mudança de um verbo pleno em verbo auxiliar? O terceiro, numa

perspectiva diacrônica mais forte, visa à identificação de mudanças percebidas em formas que já estão num estágio avançado de mudança por gramaticalização.

2.1.1 A proposta de Hopper

Um autor que se preocupou com dados sincrônicos e com a forma de analisar a gramaticalização como processo foi Hopper (1991), que lida com o conceito de gramática emergente, por considerá-la como um contínuo movimento de construção gramatical.

Nesse sentido, Hopper (1991, pp. 22-23) propõe cinco princípios para a caracterização de um processo inicial de gramaticalização. Utilizamos, então, como ilustração os mesmos exemplos apontados por Hopper para descrever cada um desses princípios.

a) Estratificação (*layering*): dentro de um domínio funcional, novas formas estão constantemente emergindo, mas isto não significa que as formas antigas desapareçam; elas coexistem com as emergentes. Uma palavra passa a ter vários usos, cada uso corresponde a uma camada num domínio funcional[4]. Essas camadas podem ser representadas por itens lexicais, classes particulares de construções ou registros sóciolinguísticos; podem ser expressas por significados diferentes ou por alternativas estilísticas. Em alguns casos, a estratificação pode ser a mudança de um

[4] Hopper (1991) entende por *domínio funcional* algumas áreas gerais como tempo, aspecto, modalidade, caso, referência.

estágio técnico para outro. Por exemplo, alterações fonológicas, afixação, perífrases com auxiliares - caso do verbo objeto de análise nesta dissertação: o verbo *viver* - para expressar tempo e aspecto, podem ser exemplos de diferentes graus atingidos por camadas diferentes. Como exemplo, Hopper apresenta os vocábulos do inglês: *mistress*, *mrs* e *miss*, que representam diferentes estágios do que foi uma mesma palavra.

b) Divergência: este princípio refere-se ao fato de uma forma lexical sofrer gramaticalização (por exemplo, transformar-se em um auxiliar, um clítico ou um afixo), mas ainda permanecer no sistema como forma lexical. Assim, como palavra gramatical sofrerá as mudanças pertinentes aos elementos dessa nova classe e, como palavra lexical, continuará a sofrer as mudanças e pressões típicas de sua classe original. Segundo o princípio da divergência, podem haver várias formas etimologicamente comuns, mas funcionalmente diferentes. A forma gramaticalizada pode ser idêntica fonologicamente à forma lexical que permanece autônoma. Exemplo: *Mrs* , *miss* e *ms* são formas separadas do substantivo *mistress*, mas o nome permanece com sua significação original.

c) Especialização: há a possibilidade de um item se tornar obrigatório pela falta de escolha. Podem ocorrer, no sistema, diferentes formas com nuanças de significado. Quando acontece o processo de gramaticalização, as opções de escolha diminuem e as formas selecionadas assumem uma dimensão maior e mais abrangente no que se refere ao seu significado. Hopper destaca o vocábulo *mistress* como uma das possíveis denominações usadas para se referir a mulher, assim como *mother*, *widow*,

dentre outras. São opções que podem designar um mesmo ser, mas com diferença de significação.

d) Persistência: este princípio relaciona significado e função de uma forma gramatical à sua história como uma forma lexical. Em uma fase mais avançada de gramaticalização, como a morfologização, a relação entre formas gramatical e lexical é opaca, mas, em fases intermediárias, a opacidade pode não ser registrada. A pertinência, então, diz respeito à permanência de traços do significado da forma original. É o que podemos verificar com a evolução de *Mrs,* que se refere a mulheres adultas por ter sido o vocábulo *mistress*, uma forma usada para o feminino de *master*.

e) Decategorização: este princípio se caracteriza pela redução do estatuto categorial de itens gramaticalizados. Após o processo de gramaticalização, as formas perdem ou neutralizam marcas morfológicas e categorias sintáticas características das categorias plenas nome e verbo, e assumem características próprias de categorias secundárias, como adjetivo, preposição, etc. Com os exemplos *mrs*, *ms*, e *miss* notamos a propriedade de rejeitar artigos, demonstrativos dentre outros elementos, por serem decategorizados.

Esses princípios de Hopper, dada sua natureza de combinação entre aspectos sincrônicos com manutenção de traços diacrônicos, podem auxiliar a compreender a evolução do verbo *viver* no português e a controlar o processo de modo mais eficiente, principalmente se o objeto de estudo estiver em estágios bastante tenros de gramaticalização.

2.1.2 A proposta de Heine

Passamos a analisar o autor que apresenta pressupostos funcionalistas de ordem cognitiva e comunicativa para explicar o processo de gramaticalização dos verbos auxiliares. Heine (1993), com suas contribuições teórico-metodológicas representa uma das bases fundamentais para este estudo, no que concerne às motivações para a formação de verbos auxiliares.

Como os verbos representam estados e processos, expressam vários conceitos de diferentes formas. É uma das classes morfológicas que sempre estimulou grande interesse dos pesquisadores, no entanto as definições pouco esclarecedoras e, algumas vezes, incoerentes a respeito das concepções de tempo, aspecto, modo e transitividade, suscitam muitos questionamentos.

Estudiosos de muitas línguas discordam sobre a definição do termo *auxiliar*. Para Bernd Heine (1993), o termo está fundamentalmente associado com o limite das possibilidades do domínio nocional, que alcança as noções de *tempo*, *aspecto* e *modalidade*. A problemática que envolve auxiliarização passa previamente pela terminologia: *auxiliary verb*, *verbal auxiliary, helping verb* e *AUX*. Todos, contudo, referem-se à problemática fundada na autonomia ou não dos verbos auxiliares.

Para Palmer (1986) e Puglielli (1987), segundo Heine, as propriedades sintáticas dos auxiliares em inglês não podem ser conciliadas com aquelas apresentadas pelos verbos principais. Heine ainda cita Pullum e Wilson (1977, p.749), que apresentam a categoria de verbos auxiliares em inglês como uma subcategoria especial. Descrevem, ainda, sete critérios para distinguir auxiliares e modais dos verbos principais.

Bolinger (1989, p. 297, *apud* Heine 1993), considera esse período de transição que permite a recategorização verbal e classifica essa passagem como “quase-auxiliares”. Isto é possível porque eles podem ser considerados como verbos que, na maioria das vezes, exercem a função de verbos plenos e, em alguns poucos casos, eles assumem outra função: a gramatical, como auxiliar. Para o autor essa fase é considerada como um estágio ou uma passagem da gramaticalização, e discorda da necessidade de criação de uma categoria para este chamada de semi-auxiliares. Por fim, Bolinger ressalta dois pontos fundamentais: o primeiro trata da perspectiva sincrônica, que objetiva a identificação de graus da gramaticalidade que uma forma linguística desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais[5]. O segundo refere-se ao processo de gramaticalização, que, para ter início no âmbito da estrutura, basta que um verbo transitivo comece a ser usado com um complemento não-finito.

Alguns autores consideram a categoria de auxiliares como uma categoria universal, mas Heine (1993) mostra que essa análise pode ser diferente. Para tanto, cita Jenkins (1972, pp. 9-12), que evidencia a diferença sintática entre o inglês e o alemão: os modais são verbos principais em alemão, o que não ocorre em inglês. Portanto, os auxiliares são parte importante da unidade de categorização linguística em muitas línguas, mas não em todas elas.

Para finalizar, Heine (1993, p. 58-66) explica e exemplifica sete estágios para a gramaticalização de verbos auxiliares e acrescenta que verbos plenos produtivos nas línguas podem ser submetidos a processos de auxiliarização em níveis e forças distintos porque todos os verbos auxiliares num dado momento já foram verbos simples. Os estágios propostos por Heine são os seguintes:

---

[5] “ The historical fact needs to be seem in its synchronic frame: the forms are in transformation, and exibit all the refracrariness of their uncertain destiny; they are settled in some parts of them usage, unsettled in others.” (Bolinger, 1989, p. 297).

Estágio A: é o estágio da origem concreta, no qual os verbos têm seu significado lexical pleno, e seus objetos referem-se também a um objeto concreto. Exemplo:

a. Judy is at the station. (location)
b. The train came from Hamburg. (motion)
c. He took that train. (action)
d. My friend needs a ticket. (volition)

Estágio B: é neste estágio que o verbo começa a rota da auxiliarização, mas ainda não é um auxiliar; isso ocorre porque, nas construções que integra, há a ocorrência de termos, como: complementos nominais ou complementos representados por verbos não-finitos. Exemplo:

a. I expect a visitor tonight.
b. I expect to go.
c. I expect John to go.
d. I expect that I will go.
e. I expect that John will go.

Estágio C: para Heine, neste estágio, os verbos em gramaticalização não são mais auxiliares prototípicos, eles podem ter referentes não-humanos, pois os verbos passam a expressar outras funções. Outra característica é que eles não podem mais ter como complemento uma oração desenvolvida com conectivo e forma verbal finita; junto ao verbo principal constituem uma unidade semântica, portanto, referem-se ao mesmo tempo. Para alguns autores são chamados de verbo semi-auxiliar. Exemplo:

a. Raquel has to have a new flat.
b. He is to be here by noon.

c. Desmond keeps keeping dogs.

Estágio D: a principal característica neste estágio é a decategorização, ou seja, a impossibilidade de formar imperativos; de ser nominalizados ou de se apassivar; eles não são mais associados a nomes que funcionam como núcleos de seus complementos e associam-se somente a uma forma nominal (não-finita) na formação de perífrases. Exemplo:

a. He is going to be strong. (in German: Er wird stark)

b. He will come. (in German: Er wird kommen)

Estágio E: neste estágio, o verbo em processo de gramaticalização tende a ser visto como pertencendo a outra classe que não a de verbo; passa a ser uma forma híbrida, com algumas características remanescentes de verbo e com características de marcador gramatical; sofre cliticização e/ou erosão, perdendo o estatuto de palavra e substância fonológica e/ou a morfológica. Exemplo:

a. She came back from cutting rice.
(she come.back: FACT - rice cut NOMIN)

b. It´s from cutting rice that she came back.
(rice cut NOMIN - she come. back: FACT)

Estágio F: neste estágio, o verbo em processo de gramaticalização torna-se um elemento gramatical firmemente estabelecido morfológica e sintaticamente; passa a ser visto como clítico ou afixo, mas ainda mantém resíduos que permitem identificar a estrutura de origem; e o “complemento” desse verbo passa a ser interpretado como verbo principal. No exemplo da língua *Swahili,* o prefixo ***ta,*** marcador de futuro, ao

longo do tempo perdeu a maioria de suas propriedades verbais, entretanto ainda restou uma partícula que comprova sua origem verbal: *ta* é derivado de *taka* “want”

a. a - taka kazi : He wants a job
b. a - ta - ku ja : He´ll come

Estágio G: este é o estágio final da gramaticalização do verbo, que perde qualquer característica verbal e se torna um marcador gramatical puro com a forma de um afixo flexional sem acento próprio distintivo. Em outro exemplo na língua *Swahili,* a forma do perfeito negativo (em inglês: not - yet) é o marcador *ja* do verbo *ja* “come”, que é derivado da forma verbal.

a. h - a- ja- já = “He hasn´t come yet

Os verbos, no geral, podem apresentar características de mais de um estágio em uma determinada fase em seu processo de gramaticalização, entretanto, dificilmente, os verbos passam por todos os estágios, o que não é necessário para consolidar o processo. Por conseguinte, para Heine, os verbos podem, na maioria das vezes, ser assim classificados:

Estágio 1 e 2: lexemas e plenos
Estágio 3: quase-auxiliares e semi-auxiliares
Estágio 4 e 5: auxiliares
Estágio 6: auxiliares ou afixos
Estágio 7: afixos ou flexões.

Esse modelo pormenorizado do processo de gramaticalização pode ajudar a entender em que momento desse processo se encontra o verbo *viver* e, se sua rota de mudança pode ser abarcada por esse modelo.

2.1.3. A proposta de Lehmann

Para os itens que já percorreram um longo caminho de mudança gramatical há uma outra opção de checagem. Trata-se dos parâmetros de gramaticalização paradigmáticos e sintagmáticos de Lehmann (1995 [1982]), os quais podem aferir o grau de autonomia de formas em estágios mais avançados de gramaticalização e são voltados, exclusivamente ao estudo dos verbos, razão por que podem nos servir para a compreensão da mudança observada para o verbo *viver* no português brasileiro.

O autor propõe seis parâmetros que têm como finalidade verificar e avaliar o grau de autonomia de um item, que, por consequência, mede seu grau de gramaticalidade, pois a autonomia de um signo é contrária ao seu estatuto de "gramatical". Vejamos o quadro proposto por Lehmann (1995 [1982]):

Parâmetros		**Item de GR incipiente**	**Processo**	**Item de GR avançada**
Eixo paradigmático	**Integridade** (peso)	conjunto de traços semânticos	**Atrição**	poucos traços semân-ticos
	Paradigmatici-dade (coesão)	participação "frouxa" em um domínio semântico	**Paradigmati-cidade**	paradigma pequeno, altamente integrado

	Variabilidade paradigmática	escolha livre (necessidades comunicativas)	**Obrigatorie-dade**	escolha sistemá-tica - uso obrigatório
Eixo Sintagmático	**Escopo** (peso)	relação com constituintes de complexidade arbitrária	**Condensação**	Modifica-ção de palavra ou a raiz
	Conexidade (coesão)	Justaposição	**Coalescência (união)**	afixo ou traço fonológico
	Variabilidade sintagmática	liberdade de posicionamento	**Fixação**	posição fixa

Quadro 01: Parâmetros da Gramaticalização (Lehmann (1995 [1982, 164]).

A proposta de Lehmann apresenta a combinação dos aspectos peso, coesão e variabilidade todos sustentados pelos dois eixos de distribuição dos signos da língua: o eixo paradigmático e o eixo sintagmático. Para um item ser autônomo, ele deve deter um certo *peso*, propriedade que o torna diferente dos demais membros de sua classe e lhe atribui uma qualidade superior. Paradigmaticamente e sintagmaticamente, essa autonomia diminui à medida que o item contrai certas relações de *coesão* com outros signos, e aumenta quanto maior sua *variabilidade*, mobilidade ou alternância com outros itens. Lehmann (1991, p.493) aponta três efeitos da gramaticalização que são:

1. Passagem de um elemento menos gramatical para um elemento mais gramatical.
2. Perda de característica fonológica e semântica.
3. Diminuição de liberdade da manipulação do elemento. Ele se integra em um paradigma, tornando-se cada vez mais obrigatório em certas construções e ocupando uma posição mais fixa.

Lehmann ([1982] 1995,p.13), na tentativa de estabelecer limites para o começo e o fim da gramaticalização afirma que, na passagem de um item lexical, ou de um gramatical, para um mais gramatical, encontram-se três fases de mudança: (i) sintaticização, (ii) morfologização e (iii) desmorfemização. Para o autor, o processo de gramaticalização tem início quando um item lexical livre do discurso passa a funcionar como uma construção sintática, o que se dá na fase de sintaticização, tornando-se uma forma analítica. Posteriormente, o item analítico é aglutinado (sintetizado), tornando-se um afixo durante a fase de morfologização, e, a seguir, é compactado e muda de forma aglutinada a forma flexional. Por fim, a forma pode deixar de expressar qualquer conteúdo gramatical, chegando a zero. Todavia nem sempre estão muito claros os limites dessas fases nem onde começa ou termina a gramaticalização de um determinado item.

CAPÍTULO II

O VERBO *VIVER* NO PORTUGUÊS

Chamamos a atenção para a mudança funcional do verbo *viver* de pleno a verbo auxiliar como forma de evidenciar que o sistema continua em plena dinâmica de usos, desusos, gramaticalizações e lexicalizações. Para a compreensão desses fatos, este capítulo aborda o estudo lexicográfico do verbo *viver* e sua inclusão nos dicionários como verbo auxiliar. Na sequência, faremos um resgate do que dizem os gramáticos sobre verbos auxiliares e locuções verbais e, posteriormente, apresentaremos a análise da gramaticalização do verbo *viver* e as implicações que decorrem dessa mudança gramatical para o ensino/aprendizagem dos verbos nas redes públicas de ensino de São Paulo.

1. Em trabalhos lexicográficos

Uma forma de rastrear pistas sobre o período em que essa transição ocorreu (e poder tecer conjecturas sobre quais foram os possíveis fatores sociolinguísticos que fizeram com que os falantes da língua culta reanalisassem expressões linguísticas até chegar a auxiliarização do verbo *viver*) é a consulta a obras lexicográficas de épocas distintas. O conhecimento da própria língua, de suas características e de seu funcionamento, seja semântico ou gramatical está diretamente relacionado ao saber linguístico que se constitui do desenvolvimento de obras que envolvem a reflexão e o estudo. Esse saber é um produto histórico e sua origem não resulta de um acontecimento, mas de um processo longo e interminável. As produções dos

dicionários no Brasil resultam de um demorado e árduo processo que tem raízes em Portugal que, resultou da produção lexicográfica latina. Contudo a língua portuguesa falado no Brasil tem características próprias que a diferencia um pouco da mesma língua falada em Portugal. Isso ocorre devido às transformações que a língua sofre de acordo com as diferentes políticas linguísticas de várias épocas e, é determinante na produção e elaboração do dicionário.

O primeiro dicionário monolíngue que circula no Brasil, alusivo ao português de Portugal, é o dicionário de Moraes Silva (1789). Na segunda metade do século XIX, começam a aparecer dicionários de brasileirismos (Costa Rubim, 1853) e de regionalismos (Antônio Coruja, 1856), voltados para a especificidade da língua portuguesa falada no Brasil, porém utilizados, no geral, apenas como complemento dos dicionários do português de Portugal.

Já os primeiros dicionários de língua portuguesa apresentados como brasileiros datam de 1930 e 1940: Lima e Barroso (*Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*, 1938) e Freire (*Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, (1939-44). Para que se chegasse à dicionarização monolíngue, no entanto, foram fundamentais três fatores: a) o relato dos viajantes; b) os dicionários bilíngues; e c) diversos fatores sócio-históricos.

Conforme Auroux (1992, p.11) “o saber linguístico é um produto histórico localizado em um tempo e em um espaço”. O processo de dicionarização passa por etapas prévias que correspondem a processos distintos de gramatização: no primeiro, prevalece a eixo-gramatização[6], com a produção de listas de palavras e dicionários

[6] Utilizamos aqui a distinção de Auroux entre eixo-gramatização e endo-gramatização: “por definição, o processo de gramatização que nos interessa aqui corresponde, pois, a uma transferência de tecnologia de uma língua para outras línguas, transferência que não é, claro, nunca independente de uma transferência cultural mais ampla. Importa levar em conta dos sujeitos que efetuam a transferência, segundo eles sejam ou não locutores nativos da língua para a qual ocorre a transferência”. (*A Revolução Tecnológica da Gramatização*, 1992, p. 74).

bilíngues; no segundo, predomina a endogramatização com a produção de dicionários monolíngues[7].

Vejamos como os principais dicionários definem o verbo *viver* e, em que período ele é dicionarizado como verbo auxiliar. Esta análise diacrônica inicia-se a partir do século XVIII, quando o *Dicionario Bluteau* (1712-1728, p. 535-536) registra o verbo *viver* como segue abaixo:

> a) Viver. lat. Vivere. Ter vida. Ser animado. Ter em si um principio natural de vida. (fallando tambem nas plantas, porque tem alma vegetativa.) Vivere, (vo, vixi, victum.) Cic.
>
> b) Viver. Estar vivo. Ser dos numeros dos viventes. (fallando dos homens, & em todo o genero de animais.)

Embora de forma tênue, é possível perceber que o verbo *viver* não permite uma delimitação entre os dois sentidos: *ter vida* e *estar vivo.* Notamos, contudo, que não se pode construir sentenças da mesma forma, quando a noção básica é tempo: *enquanto se está vivo, tem-se vida* (há uma delimitação bastante imprecisa do tempo), mas é possível incluir o pronome na sentença para marcar o paralelismo com o pronome da primeira oração. O mesmo não ocorre com a seguinte construção: **enquanto se tem vida, está-se vivo* (*se está vivo*). Neste último período, parece haver uma resistência maior à inclusão do traço pessoal, via pronome. Ao que parece, *estar vivo* pode ser mais gramatical do que *ter vida*. Notemos que essa distinção tênue não é mais feita no dicionário do século XIX consultado.

---

[7] Consideramos aqui a predominância desses processos em determinadas conjunturas. Não se deve perder de vista, no entanto, que fatos de endo-gramatização ocorrem desde a época colonial. É o caso, por exemplo, em relatos de viajantes, de listas de palavras e definição de termos portugueses utilizados no Brasil. Do mesmo modo, fatos de eixo-gramatização, como a dicionarização de línguas indígenas, continuam durante o século XIX e XX, e até a atualidade.

No século XIX, O *Diccionario da Lingua Portugueza,* de Antonio de Moraes Silva (1813, p. 860-861) assim apresenta o verbo *viver*:

> a) Viver, lat. Vivere. v. n. Ter vida , estar vivo, com vida animal, vegetal, ou a que convem aos entes immortais: porque em fim a alma vive eternamente.

Em meados do século XX, o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete* (1958:5327-8), define o verbo *viver* desse modo e apresenta os exemplos a seguir:

> v. intr. lat. Vivere. || ter vida, estar com vida, existir.
> a - O dôce e amado espôso, sem quem não quis amor que ***viver*** possa. (Camões)
>
> b - Por que então maldiremos êste mundo, e a vida que ***vivemos*** ? (Gonçalves D.)
>
> c - Os peixes, pelo contrário, lá se ***vivem*** nos seus mares e rios. (Vieira)

Até este período, os dicionários de língua portuguesa apresentados como brasileiros registram o verbo *viver*, somente como verbo pleno.

Consultados e analisados outros dicionários [(*Dicionário Mor da Língua Portuguesa* (de José Francisco Moreira, 1943)*, o Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa* (organizado por Laudelino Freire, 1944), *o Nôvo Dicionário Brasileiro Melhoramentos* (de Adalberto Prado e Silva, 1969), *o Novo Dicionário Prático da Língua Portuguesa* (de Jânio Quadros, 1979) *e o Dicionário Aurélio* (Ferreira, 2001)], verificamos que a etimologia e a definição são semelhantes em todos eles, variando somente quanto ao número de exemplos concernentes a sua transitividade.

O processo de gramaticalização do verbo *viver*, que passou de uma categoria lexical de verbo pleno e predicador para uma categoria gramatical de auxiliar, pode ser surpreendido no registro como verbo auxiliar em 2001, como podemos comprovar a seguir no *Dicionário Houaiss de língua portuguesa* (de Houaiss & Villar, 2001:2875). Esse fenômeno se deu, certamente pela alta frequência na transferência de extensões de sentido e uso adotados pelos falantes da língua portuguesa.

> *Viver v. (s. XIII cf. fichIVPM).* ***1. int.*** *ter vida, estar com vida {é preciso respeitar-se tudo o que vive} { estava moribundo, mas ainda vivia}* ***2. v.t.ind.*** *aproveitar a vida; gozar a vida, passá-la bem. { este é um homem que sabe viver}* ***3. t. i.*** *ter como principal alimento, nutrir-se de { ninguém pode viver de chocolate}* ***4. t. i. e pron.*** *retirar sua subsistência de; ter como atividade produtiva, manter-se {aqueles aborígines vivem de caça } { vivo do meu trabalho}* ***4.1 t. i. fig*** *manter-se às custas de { muitas inimizades vivem de intrigas maldosas }* ***5. int.*** *continuar a existir; perdurar, permanecer {até quando viverá o nosso amor?}* ***5.1 int*** *passar à posterioridade, perpetuar-se {as grandes ideias sempre viverão}* ***6. t. i*** *entreter relações com ; privar da companhia de; conviver, frequentar {ele vive com a mãe} { no colégio, passou a vida com más companhias }* ***7. t.i*** *morar em , habitar { um povo antigo viveu nesta terra }* ***8. pred****. Levar a vida { viveu sozinho até os 30 anos }* ***9. t.d.*** *assumir sua própria vida { ele vive sua vida sem perturbar ninguém }****10. t.d.*** *passar por, vivenciar { vivi um grande amor }* ***11. t.d.*** *levar { vivíamos uma vida tranquila }* ***s.m 12*** *o processo de existir; a vida* ◘ ***v.com*** *estar amigado com { ele passou a vida com a secretária }●* ***v*** *para dedicar-se inteiramente a { vive para a música }* ◘ **gram seguido de gerúndio ou de a + infinitivo, funciona como verbo auxiliar, exprimindo continuação da ação (aspecto incoativo) vive rindo de tudo, vive a reclamar que ganha pouco.** (Houaiss & Villar *2001, p. 2875)*

No ano seguinte, o *Dicionário de Usos do Português do Brasil,* organi*zado por* Francisco da Silva Borba (2002:1635), também atribui a função de auxiliar com a denotação de aspecto durativo para o verbo *viver*:

> a - Silvia **vive rindo** e caçoando (CC). (aspecto durativo [auxiliar + verbo no gerúndio]).
>
> b - Os jornais **vivem a atacá-lo** (FE). (aspecto durativo [auxiliar + a = verbo no infinitivo]).

Em 2009, o dicionário atualizado e na versão digital *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete Digital* também classifica o verbo *viver* como auxiliar.

> 1 Estar vivo; EXISTIR. [int.: Meu bisavô ainda vive Antôn.: morrer.]
>
> 2 Manter-se vivo; DURAR; EXISTIR. [int.: As boas lembranças viverão Antôn.: acabar.]
>
> 3 Passar à posteridade; PERDURAR. [int.: A fama dos heróis viverá para sempre.]
>
> 4 Aproveitar a vida [td.: É preciso viver a vida.] [int. : "...Viver, e não ter a vergonha de ser feliz..." (Gonzaguinha, O que é, o que é?)]
>
> 5 Estar em relações com; conviver com; FREQUENTAR. [tr. + com: Sempre viveu com os pais: Agora vive com más companhias.]
>
> 6 Morar [ta.: O jovem vive no Rio de Janeiro.]
>
> 7 Ir muito a (algum lugar) ou estar muito com (alguém) [ta.: O rapaz vive na biblioteca.]
>
> 8 Levar vida conjugal [tr. + com: Já viveu com muitos homens.]
>
> 9 Passar por (experiência); VIVENCIAR. [td.: viver uma aventura amorosa.]
>
> 10 Gastar o tempo com; DEDICAR-SE. [tr. + para: Viver para os netos é gostoso.]
>
> 11 Levar a vida (de certo modo) [ta.: Vive na ociosidade.] [tp. : "A moça triste que vivia calada sorriu..." (Chico Buarque, A banda)]
>
> 12 Ter como principal alimento; nutrir-se de [tr. + de: Algumas pessoas vivem de frutas e de legumes.]
>
> 13 Manter a existência por meio de; SUSTENTAR-SE. [tr. + de: viver da aposentadoria: Os índios vivem da caça e da pesca.]
>
> 14 Levar (um tipo de vida) [td.: Pensava em viver uma vida venturosa.]

> [F.: Do lat. vivere. Hom./Par.: vivo (fl.), vivo (a.); viveres (fl.), víveres (smpl.); vivido (part.), vívido (a.).]
>
> **[NOTA.: É v. aux., indicando continuação da ação, quando seguido de gerúndio ou de a + infinitivo: vive a reclamar; vivia reclamando de tudo.]**

Nota-se que, sob uma perspectiva diacrônica depreendida pelos registros contidos nos dicionários, podemos comprovar que a auxiliarização passou a ser dicionarizada em 2001[8]. Para essa análise foram utilizados dicionários editados e publicados em Portugal e no Brasil, o mais antigo data de 1813 e os demais abrangem as décadas de 1940 até o presente.

1.1. Dicionários que priorizam a sintaxe do verbo

A sintaxe verbal é um tema assaz valorizado no ensino da língua portuguesa em função de sua caracterização sociolinguística. O não-uso da marca explícita de concordância significa um traço de diferenciação social. Também relevante é a regência verbal. Analisamos, por isso, dicionários específicos de regência verbal, a fim de verificar se havia o registro do verbo *viver* como auxiliar. Em 1942, Francisco Fernandes já define em seu *dicionário de verbos e regimes* (1942, p. 600) o verbo *viver* como: “a) Viver – Intransitivo - ter vida, estar com vida; existir.” e inclui o uso como auxiliar. Vejamos dois exemplos extraídos da página 600:

---

[8] Ainda que não se possa precisar a data da mudança linguística, o fato de encontrar somente no século XXI a indexação do verbo *viver* como verbo auxiliar serve-nos de indício para afirmar que a gramaticalização do verbo em auxiliar foi gradual, já que em obras anteriores não havia essa informação. Lembremo-nos de que também não havia registros em uma grande obra do século XV (A Demanda do Santo Graal).

a) Passar a vida " Mas quanto aos brutos, **vivem a trabalhar** em grandes obras."

b) Dedicar-se " **vivem a arrazoar**. "

Em 1992, Douglas Tufano, em sua obra *Novo moderno dicionário escolar,* página 326, relacionou o verbete em construção perifrástica com o valor semântico de *estar sempre*:

> **Viver** v. **1**. Ter ou estar com vida: soube que aquele velho homem ainda vive. **2**. Morar: meu tio vive no Ceará. **3**. Comportar-se, agir: você deve viver honestamente. **4. Estar sempre: ele vive discutindo com o irmão.**

Dois anos depois, em 1994, o *Dicionário sintáctico de verbos portugueses* (1994, p. 406), também incluiu o verbo *viver* como auxiliar, quando seguido de gerúndio ou infinitivo.

a) **Vive roendo** as unhas
b) A oposição **vive a atacar** o Governo.
c) Ele **vive a fazer** queixas ao patrão.

Em 2003, O professor Celso Pedro Luft também registrou no *Dicionário Prático de Regência Verbal Luft* (2003, p. 535), o verbo *viver* como auxiliar.

a) Ele **vive reclamando** . (verbo auxiliar)
b) **vive a reclamar** que ganha pouco. (verbo auxiliar)

Portanto, para concluir esse estudo lexicográfico, analisamos alguns dicionários e percebemos que a auxiliarização do verbo *viver* foi registrada em dicionário em 2001, mas de acordo com nossas pesquisas, os dicionários específicos escolares e de regência verbal já determinavam a auxiliaridade desse verbo em 1942.

Resgatemos, primeiramente, os exemplos dos dicionários que reconheceram o uso do verbo *viver* como auxiliar:

(1) **Vive a reclamar** que ganha pouco. / vive rindo de tudo. (Houaiss)

(2) Silvia **vive rindo** e caçoando. / Os jornais **vivem a atacá-lo**. (Francisco S. Borba)

(3) **Vive a reclamar**. / **vivia reclamando** de tudo. (Caudas Aulete)

Em seguida, temos os exemplos dos dicionários específicos de regência verbal que registraram o verbo *viver* também como auxiliar:

(1) Mas quanto aos brutos, **vivem a trabalhar** em grandes obras. *(Dicionário de verbos e regimes).*

(2) Ele **vive a fazer** queixas ao patrão. **Vive roendo** as unhas. (*Dicionário sintáctico de verbos portugueses)*.

(3) **Vive a reclamar** que ganha pouco. Ele **vive reclamando**. *(Dicionário Prático de Regência Verbal Luft)*.

De acordo com os dicionários consultados, incluindo os de regência verbal, elaboramos um quadro que permite visualizar quais dicionários registram o verbo *viver* como auxiliar e em que período esse fenômeno linguístico ocorre.

DICIONÁRIOS	Registro do verbo *viver* somente como **pleno**	Registro do verbo *viver* como **pleno e auxiliar**
Dicionario Bluteau (1712-1728)	X	
Diccionario da Lingua Portugueza Moraes (1813)	X	
Dicionário de verbos e regimes Francisco Fernandes (1942)	X	X
Dicionário Mor da Língua Portuguesa José Francisco Moreira (1943)	X	

Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa, Laudelino Freire. (1944)	X	
Caldas Aulete (1958)	X	
Nôvo Dicionário Brasileiro Melhoramentos Adalberto P. e Silva, (1969)	X	
Novo Dicionário Prático da Língua Portuguesa Jânio Quadro.(1979)	X	
Novo moderno dicionário, Douglas Tufano (1992)	X	X
Dicionário sintáctico de verbos portugueses, Busse (1994)	X	X
Dicionário Aurélio (2001)	X	
Dicionário Houaiss de língua portuguesa (2001)	X	X
Dicionário de Usos do Português do Brasil Borba (2002)	X	X
Dicionário Prático de Regência Verbal Luft, Celso Pedro Luft (2003)	X	X
Caldas Aulete Digital (2009)	X	X
Total de registros como pleno	**15**	
Total de registros como auxiliar		**07**
Total de dicionários	**15**	

Quadro 02 - Dicionários: registros do verbo viver como pleno e auxiliar

Nota-se no quadro apresentado que sete das quinze obras consultadas, quase 50%, registram o verbo *viver* como auxiliar. A inexistência desse verbo como auxiliar até as primeiras décadas do século XX, nos faz aventar três possíveis explicações:

1. O verbo *viver* até esse período era utilizado pela maioria dos falantes somente em sua forma plena.
2. O verbo *viver* como auxiliar ocorria somente em nichos sociolinguísticos não passíveis de representação na modalidade escrita.
3. O verbo *viver* não pleno somente ocorria em gêneros discursivos não utilizados por alguns dicionaristas relacionados no quadro.

2. Mudança gramatical e implicações pedagógicas

As realizações discursivas que permeiam a gramática da língua são determinantes para obtermos resultados a respeito da funcionalidade dos enunciados nas circunstâncias pragmáticas. A necessidade de se levar em conta o fato de a estrutura gramatical estar vinculada ao uso que se faz da língua, no contexto da situação comunicativa, impõe compreender a gramática motivada pelas circunstâncias específicas do uso. A motivação para a ocorrência do processo de gramaticalização do verbo *viver* está, principalmente, embasada nas necessidades comunicativas não satisfeitas pelas formas existentes. Esse Conjunto de conhecimento do polo funcionalista, que é um conhecimento mais amplo sobre os fatos linguísticos, pode ser efetivamente, uma ferramenta eficaz para a prática do ensino, sobretudo dos verbos da língua portuguesa.

2.1. A auxiliaridade em gramáticas da língua portuguesa.

Fundamentalmente, os verbos podem ser classificados como verbos plenos e verbos auxiliares, mas sabemos, hoje, que essas são classificações apenas polares, pois a mudança linguística pode gerar tipos intermediários de verbos. Para uma compreensão mais ampla, iniciaremos este estudo com um levantamento da tradição gramatical sobre os verbos chamados auxiliares em português. O primeiro gramático da língua portuguesa que tratou dessa questão foi João de Barros, tomando como paradigma a gramática latina. Ocorre que até o presente momento, verbos auxiliares e locuções verbais ainda são objetos de estudo bastante problemáticos, porque não há

uma definição rigorosa para esses termos e, consequentemente, o emprego é conflitante. Para alguns gramáticos, principalmente, nas obras publicadas entre 1950 e 1970, locução verbal é qualquer sequência verbal com devida coesão interna, de tal maneira que funcione como tempo simples e, é geralmente sinônimo de conjugação perifrástica. Em contrapartida, para outros autores deve haver uma separação de certas sequências verbais classificadas como tempos compostos, o restante, então seriam as locuções verbais.

A despeito dessa divergência, não há uma definição do que seja tempo composto ou conjugação perifrástica (locução verbal), pois não existe critério, tampouco concordância entre os gramáticos. Vejamos o que dizem alguns gramáticos sobre tempos compostos segundo Eunice Pontes em sua obra: Verbos Auxiliares em Português (1973, p. 17).

a) Gramáticos que consideram tempos compostos apenas as sequências formadas de *ter* e *haver* mais particípio: Epiphanio Dias (1959, p 189), Gladstone Chaves de Melo. (1968, p.142)

b) Gramáticos que incluem entre os tempos compostos, os formados com o verbo *ser* mais particípio: Evanildo Bechara (1966, p. 135), Mario Pereira de Souza. (1937, p. 157).

Ainda de acordo com Eunice Pontes (1973, p. 15-42) dois autores que separam os tempos compostos das locuções verbais e justificam essa divisão são: Gladstone Chaves de Melo que destaca duas razões, a primeira é que os tempos compostos fazem parte da conjugação, cada qual tem seu nome. A segunda é que as locuções verbais se destinam a indicar aspecto. Adriano Kury divide os auxiliares segundo a finalidade de seu emprego desse modo: verbos que servem para a formação de novos tempos (ter, haver, ser, estar, ficar) e verbos que determinam com mais exatidão o momento do processo verbal e seus aspectos.

Um autor, considerado um marco no estudo desse ponto da nossa gramática que não faz distinção entre tempos compostos e locuções verbais, é Said Ali em *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (1971, p. 129-163), ele caracteriza a locução verbal segundo três critérios principais: funcional, semântico e histórico. A estes somam-se nas situações de impedimento ou dificuldade, a comparação com outras línguas. Said Ali tratou desse assunto mais profundamente e não aceitou a separação porque não encontrou fundamentos linguísticos.

Podemos depreender que a maioria dos autores supracitados, mesmo sem argumentos convincentes, conserva a tradição de separar tempos compostos de locuções verbais, sem a preocupação de fundamentação para mantê-la. O critério mais usado é o da evolução semântica, ou seja, o critério diacrônico que é um dos critérios da gramaticalização. Juntam-se a esse critério mais dois: a comparação com outras línguas e o critério sintático, referente à sua relação na oração ou mesmo na estrutura interna.

Com relação à separação, as justificativas de Gladstone Chaves de Melo de que as locuções verbais se destinam a indicar aspecto e de Adriano Kury que divide os auxiliares segundo a finalidade de seu emprego em: verbos que servem para a formação de novos tempos (ter, ser, haver) e verbos que determinam com mais exatidão o momento do processo verbal e seus aspectos. De acordo com a divisão desses dois autores podemos compreender que o objeto de estudo desta pesquisa, o verbo *viver* classifica-se como locução verbal e não como tempo composto, pois em sua nova função como auxiliar exprime aspecto continuativo.

Para continuar a discorrer sobre perífrases verbais, daqui por diante temos uma seleção que privilegia alguns gramáticos e obras tradicionais e contemporâneas. Nessas obras, notamos que as classificações verbais, em geral, permitem dividir os verbos em três tipos: verbos principais, verbos de ligação e verbos auxiliares. Esse

consenso se encerra quando se compara a lista de verbos nessas gramáticas. É o que ocorre com a lista de verbos de ligação.

Algumas gramáticas consideram como verbos de ligação apenas os verbos: *ser, estar, permanecer*, *continuar, parecer* e *ficar;* outras incluem nessa classificação verbos como*: andar, virar, tornar-se e* ***viver***, este último como **verbo de ligação**, com o significado de **estar sempre** (aspecto durativo, continuativo ou permansivo):

a) Ele *vive* gripado.
b) *Vive* com dores de cabeça.

O verbo *viver* está também classificado como **auxiliar** aspectual indicando hábito: "Ele **vive reclamando"** (TI).

Essa classificação, do ponto de vista do processo de gramaticalização já indicaria que mudanças foram se implementando ao longo do tempo. Consideremos, então, algumas obras relevantes para conhecer como esse tema é tratado pelos gramáticos: Oiticica (1945), Almeida (1972), Rocha Lima (1985), Macambira (1990), Bechara (1999) e Neves (2000).

Oiticica (1945:162) apresenta uma classificação bem detalhada, que pode se adequar melhor quando há muitos dados de língua real a serem analisados. O autor propõe classificar os verbos quanto à significação, quanto à conjugação (regulares, irregulares e anômalos), quanto à integridade (defectivos, indefectivos e abundantes) e quanto à modalidade (principal ou auxiliar). Concernente ao verbo *viver,* o autor agrupa-o a outros verbos relativos a fenômenos naturais.

a) De ação (ativos) (ex.: *quebrar*, *matar*)
b) De conveniência (ex.: *convir*, *cumprir*, *importar*, *relevar*)

c) De estado (passagem e permanente) (ex.: *Passageiro*: *estar*, *continuar)*

d) De mudança de estado (ex.: *ficar*, *fazer-se*, *tornar-se*)

e) De **fenômenos naturais** (ex.: *existir*, *ser*, **viver**, *chover*, *respirar*)

f) De fenômenos mentais (volitivos) (ex.: *querer*, *tencionar*, *supor*)

g) De passividade (passivos) (ex.: *aguentar*, *sofrer*, *suportar*, *padecer)*

h) De dúvida (ex.: *parecer*, *constar*)

i) De semelhança (ex.: *parecer*, *assemelhar-se*)

j) De carência (ex.: *faltar*, *carecer*, *precisar*, *necessitar*)

l) De ocorrência (ex.: *ocorrer*, *acontecer*, *suceder*, *sobrevir*, *dar-se*)

m) De suficiência (ex.: *bastar, chegar*)

n) De acidente (ex.: *achar, perder, surgir*)

O capítulo XXVII, da "*Gramática Metódica da Língua Portuguesa*" de Napoleão Mendes de Almeida, 38ª edição de 1992 [1956], apresenta um estudo sobre verbo auxiliar em nove páginas (234-243). O autor identifica quatro verbos auxiliares: *ter, haver, ser* e *estar* e afirma que a auxiliaridade se dá por exigência do tempo verbal porque o tempo pretérito seria por natureza composto (tenho comprado, teria louvado), e também por exigência da voz verbal passiva. Parece-nos que as explicações oferecidas pelo autor são totalmente circulares.

Almeida também tece algumas considerações sobre a sintaxe do verbo *estar* (< lat. *stare* = estar em pé), que codifica uma ideia de transitoriedade, de existência momentânea, de estado acidental. Já, o verbo *ser* (< lat. *sedere* = estar sentado) traz ideia de permanência. Segundo o autor, o verbo *ser* é quase vazio de sentido, razão por que o classifica como verbo abstrato: "O céu é azul" e "O céu azul" equivale quase dizer a mesma coisa.

"*A Estrutura Morfo-Sintática do Português*", de J. R. Macambira 10ª impressão de 2001 [1990], proporciona explanações sobre o aspecto mórfico, sintático e semântico. O autor não reproduz paradigma ou conjugação de verbos, e no conteúdo das páginas 110 a 117, intitulado "classificação dos vocábulos", ele esmiúça o termo locução verbal:

> Locução verbal é aquela cujos componentes constituem um todo indivisível, de tal modo que um só deles pode ser entendido como parte, seja sob o aspecto mórfico, seja sob o aspecto semântico. É pluralidade de forma e unidade de sentido. Haja vista a locução verbal *havia chovido*, em que há duas formas e apenas uma significação, de tal modo que se pode substituí-la por um tempo simples – *chovera*. Locução é síntese, e não soma, o que importa em dizer que *um* e *um* não são dois, mas apenas *um,* composto por dois elementos: é um processo químico, à semelhança de " H2O", que unitariamente resulta em água. (2001, p. 110)

O autor apresenta quatro tipos de locução verbal: com infinitivo, com gerúndio, com particípio e com substantivo, sendo a última aquela cujo substantivo não deve ser expandido por subordinada adjetiva. Exemplo: *eu dei Fé do perigo*. Afirma Macambira "que não pode expandir-se em *Fé do perigo que dei*. O pronome da oração adjetiva deve referir-se ao substantivo locucional - portanto *fé*; o verbo da oração adjetiva deve ser o verbo locucional". (2001, p. 113).

Também, por meio dos exemplos seguintes, concernentes à página 110, o autor explica que para a ocorrência da locução verbal é necessário que no acréscimo de um termo ele se refira à locução e não a qualquer dos seus componentes modificando seu sentido.

a) Agora estou fugindo.

b) Estou agora fugindo.

c) Estou fugindo agora.

Macambira, na página 86, cita Mattoso Câmara Jr., que faz alusão ao verbo *querer,* afirmando que na construção *“ quero sair “* o infinitivo não constitui uma locução . Prova disso seria o fato de que o verbo pode ser substituído por *isto*: “ quero isto ”. Camara adota o critério da evolução semântica do verbo para considerá-lo auxiliar. Desse modo, ele alega não haver gramaticalização do verbo querer nessa construção. Pois para Camara gramaticalização é “ processo que consiste em transformar vocábulos lexicais, providos de semantema, em vocábulos gramaticais. É em princípio a origem diacrônica de todos estes vocábulos ”.

Na “*Gramática Normativa da Língua Portuguesa*” de Rocha Lima, 26ª edição de 1985 [1972], o capítulo X é destinado à classe de palavra *verbo*. A esse assunto são destinadas as páginas 107 a 152. O autor traz definições, paradigmas das três conjugações, entretanto, em se tratando dos *verbos auxiliares*, há, somente, a seguinte explanação:

> “A fim de melhor se expressarem certos aspectos especiais não traduzíveis pelas formas simples já estudadas, possuem os verbos alguns tempos compostos, nos quais uma das formas nominais (infinitivo, particípio ou gerúndio) é acompanhado de outro verbo, chamado AUXILIAR. São numerosos os auxiliares em português: querer (quero sair), estar (estou escrevendo), ficar (fiquei a contemplá-la), ir (a tarde ia morrendo), etc.” (1985, p. 118).

O autor, portanto, inclui os verbos: *querer*, *estar*, *ficar* e *ir* no rol dos auxiliares. Essa informação de que há um grande número de auxiliares torna-se, assim, muito vaga e, possivelmente, carrega uma concepção desacertada, porque os verbos auxiliares quando comparados em quantidade aos verbos plenos é uma parte ínfima. Rocha Lima termina a explanação dizendo que os auxiliares fundamentais que formam os tempos compostos são: *ter* e *haver*; e na voz passiva: *ser*.

Evanildo Bechara em: "*Moderna Gramática Portuguesa*", 37ª edição 2003[1999], utiliza 78 páginas (209-287) para tratar de verbo. O autor faz considerações gerais, explica as categorias verbais, formas nominais, paradigma dos verbos regulares e irregulares, conjugação dos auxiliares mais comuns (*ser, estar, ter e haver*) e, na página 230, define locução verbal como:

> A combinação de diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama principal: *hei de estudar, estou estudando, tenho estudado*. Muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal dando origem aos chamados *aspectos dos verbos*. Entre auxiliar e o verbo principal no infinitivo pode aparecer ou não uma preposição (de, em, por, a, para). Na locução verbal é somente o auxiliar que recebe as flexões de pessoa, número tempo e modo: *haveremos de fazer, estavam por sair, iam trabalhando, tinham visto*. Da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em alguns casos as preposições e em outros omiti-la. Também pode ocorrer, em vários casos, a alternância da preposição (*começar a / de fazer).* (p. 230)

Vale ressaltar que o autor, na página 218, refere-se às locuções verbais utilizando a nomenclatura perífrase verbal como sinonímia de locução verbal. Chamamos atenção para esse fato, pois em todas as obras gramaticais pesquisadas neste trabalho, o termo perífrase verbal é raramente encontrado. Bechara, com certeza, optou por citar essa terminologia, porque essa obra é referendada para especialistas da língua portuguesa.

Bechara (2003:374) considerando o critério da ligação sintática, classifica os verbos portugueses em três classes distintas: intransitivos, transitivos (subdivididos em diretos e indiretos) e de ligação. Os verbos de *ligação* são agrupados por ele de acordo com o tipo de estado, qualidade ou condição que representam. É possível notar que o verbo de ligação ***viver*** é incluído no grupo que indica permanência.

a) Permanente: ser e **viver**;

b) Passageiro: estar, andar, achar-se e encontrar-se;

c) Mudança de estado: ficar, tornar-se, acabar, cair, fazer-se, virar;

d) Continuidade de estado: continuar e permanecer;

e) Aparência: parecer.

Maria Helena de Moura Neves, na "*Gramática de Usos do Português*" (2000), logo na primeira parte do livro após a introdução destina 42 páginas (25-67) para expor a classe gramatical *verbo.* A autora descreve de maneira pormenorizada, subclassificando os verbos que constituem predicados e os que não constituem; os que têm complementos oracionais, verbos factivos, implicativos,causativos, os de elocução , verbos-suporte, modalizadores e aspectuais. Concernente aos verbos auxiliares que modalizam (poder , dever, precisar, etc) , os que indicam aspecto, e os que auxiliam a indicação de tempo e de voz, Neves afirma que eles não constituem predicados, ou seja, não têm propriedades sintáticas e semânticas, como a forma lexical, a categoria, o número e a função semântica dos termos.

Nas páginas 63 e 64, a autora categoriza os verbos aspectuais em: inceptivo, cursivo, cessativo, resultativo e iterativo. O aspecto cursivo se divide em habitual e progressivo. Neste último ela cita dois exemplos com o verbo *viver*:

a) Ele **vive a leseirar** por aí. (CA)

b) Ela **vive fazendo** perguntas sobre a saúde do garoto. (VEJ)

Por conseguinte foi possível observar que ainda não há um critério com argumentos linguísticos de plena aceitação para fundamentar a separação entre tempos compostos e locução verbal. Notamos também que há uma despreocupação dos autores mais contemporâneos em fornecer informações pormenorizadas sobre as perífrases verbais. Isso ocorre mesmo nos materiais mais específicos, como o

Dicionário Prático de Regência e *guia prático de emprego e conjugação,* as informações ainda são muito rasas, sobretudo na parte sobre o aspecto verbal que exprime a duração do processo indicado, ou seja, o elemento por meio do qual o falante considera o desenvolvimento do processo.

Destaque especial deve ser feito à "*Gramática de Usos do Português*" em que Neves parte do discurso para a gramática, numa abordagem funcionalista e elabora, cuidadosamente, uma generosa descrição dos verbos, explorando de forma intensa o aspecto verbal e as perífrases verbais usuais no português brasileiro.

3. Situação do verbo *viver* no livro didático: a transmissão categorial

O interesse em analisar os materiais didáticos está diretamente relacionado à língua em uso na sociedade. Conhecer como os docentes abordam os verbos auxiliares, utilizando esses livros pode ser mais uma pista na rota de gramaticalização do verbo *viver*, uma vez que os gêneros discursivos e os tipos de textos selecionados são bem diversificados, o que permite a exploração dos recursos linguísticos semânticos e pragmáticos e conduz o educando à reflexão e ampliação da sua própria língua. Tal ampliação consiste em um dos princípios do processo de gramaticalização que é a estratificação, princípio caracterizado pela extensão de novas camadas que surgem e coexistem com as antigas.

3.1. Manuais didáticos: das primeiras décadas do século XX até o PNLEM

Segundo estudos realizados por Magda Soares (2001), no final do século XIX, e nas primeiras décadas do século XX, os manuais didáticos para o ensino da língua portuguesa eram constituídos por textos de autores consagrados e, em geral, em um único volume. Essa antologia tornava notória a figura do professor como autônomo para analisar e planejar aulas, tendo em vista que, nessa época, docentes e discentes pertenciam a uma elite social e/ou intelectual, portanto havendo uma situação de homogenia, e a figura do professor era assaz prestigiada, dada sua função na produção de conhecimento.

A partir da década de 1960, o livro didático entra em cena e o volume único dá lugar a volumes seriados com o estudo dirigido de português com livro do professor com respostas, orientações metodológicas e sugestões de atividades. Essas mudanças elaboradas para a "democratização" do ensino visavam a atingir um número maior de escolas e de professores, e a qualidade do ensino era meta secundária. Devido a essa expansão as editoras passam a investir massivamente nos livros didáticos para a conquista desse novo e promissor mercado.

Com isso a profissão de docente entra em decadência concernente à remuneração e prestígio. Surgem, então, a partir da década de 1970, os programas de livros didáticos, com a Fundação Nacional de Material Escolar (FENAME). Até a década de 1980, o desprestígio da figura do professor é explícito, pois a escolha prévia do material a ser utilizado pelo professor é determinada pelas secretarias estaduais e, somente depois, os livros são distribuídos para as escolas.

Com uma nova legislação – 91542, de 19/08/85, houve a descentralização administrativa do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e o professor passa a ser responsável pela escolha, mas, apenas em 1995, o governo assumiu a

responsabilidade pela aquisição e distribuição dos livros, convocando acadêmicos especialistas em cada área de conhecimento para a avaliação dos livros a serem utilizados pelos professores.

Feita essa incursão histórica que auxilia a compreensão da incorporação ou reverberação de conteúdos das gramáticas normativas, faremos uma breve explanação sobre a proposta do ensino de verbos auxiliares no programa de língua portuguesa no ensino médio das escolas públicas, abrangendo um período anterior e posterior ao PNLEM [9] (Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio).

O ensino de língua portuguesa no ensino médio tem sido muito criticado e, um dos pontos mais discutidos pelos especialistas é a gramática tradicional, as críticas vão das grandes quantidades de terminologia até a inconsistência teórica. Os professores em meio a esse impasse ficam desnorteados, pois a preocupação básica no ensino de língua é levar o aluno não apenas ao conhecimento da gramática de sua língua, mas torná-lo competente linguisticamente falando, isto é, dar-lhe condições de desenvolver a capacidade de refletir criticamente sobre o mundo do qual faz parte e, principalmente, sobre a utilização da língua como instrumento de interação social. A competência linguística a ser apreendida pelos estudantes passa principalmente pelo estudo das categorias semânticas dos verbos: aspecto (o mais problemático), tempo e modo e pela sua função no discurso, pois o verbo deve ser estudado dentro de um

---

[9] Implantado em 2004, o PNLEM prevê a distribuição de livros didáticos para os alunos do ensino médio de todo o País. Inicialmente, o programa atendeu, de forma experimental, os alunos da primeira série do ensino médio de escolas públicas das regiões Norte e Nordeste com livros das disciplinas de português e de matemática. O programa vai universalizar a distribuição de livros didáticos de português e matemática para o ensino médio em 2006. Assim, 8,4 milhões de alunos das três séries do ensino médio de todas as 16.148 escolas públicas do país vão ser beneficiados no início do próximo ano letivo. Em 2007, o FNDE deverá começar a expandir o programa, de forma gradativa, com a aquisição de livros das demais disciplinas do ensino médio.

contexto, como sugere a proposta do caderno do professor, que é um material distribuído para os professores composto por cadernos organizados por bimestre, por série e por matéria de acordo com a Base Curricular. Ele indica com clareza o conteúdo a ser ministrado aos alunos da rede pública estadual e complementa o material didático.

A proposta do ensino de língua portuguesa e de literatura no ensino médio das escolas públicas, apresentada pela Secretaria de Educação de São Paulo, é elaborada por especialistas na área de educação e visa à qualidade no ensino e aprimoramento pedagógico do docente na rede pública.

A Base Curricular, referência comum para todas as escolas da rede estadual, descreve os conteúdos disciplinares que são desenvolvidos em cada série com inter-relação com outras disciplinas. A proposta do caderno do professor traz um pequeno componente relativo aos estudos de verbos, porém muito significativa porque trabalha diversos gêneros textuais como: entrevista, poesia, conto, música, dentre outros.

A perífrase verbal (como descrito pelos autores) é estudada no gênero entrevista, com o uso da norma-padrão da língua portuguesa, com possibilidade de adaptações e com exercícios que propiciam a transição oralidade-escrita. Nesse caderno destinado ao professor, a proposta é mostrar como chamar a atenção dos alunos para a predominância do presente do indicativo, tempo verbal não-marcado, e de suas funções ao codificar o valor de futuro. Destaca-se também, nesse gênero textual, a preferência das perífrases verbais, dada a clareza com que permite expressar os significados relacionados. Um exemplo disso é a locução *ia amanhecendo* (em lugar de amanhecia).

Há, também, um direcionamento para que os alunos gravem entrevistas e as tragam para a aula, a fim de aplicarem alguns conceitos e usos dos tempos verbais.

Além disso, há a estratégia de se lidar com contos. No material pesquisado há um conto de Lygia Fagundes Telles "História de Passarinho" o qual é apresentado com vinte lacunas de onde foram retirados verbos, na suas formas simples, e o aluno tem como respostas três opções com tempos e modos diferentes, para que ele reescreva o texto original com a forma correta.

De uma forma bem resumida, é basicamente, nesses moldes que o professor é orientado a trabalhar o conteúdo "verbos", especialmente, as perífrases verbais no ensino médio da rede pública de ensino de São Paulo.

O aspecto é quase sempre ignorado e bem pouco explorado. No exemplo: "Ele lia o livro" (a ênfase está no caráter de ação em curso). Essa distinção é fundamental no estudo das formas verbais, porém poucos docentes discorrem sobre os vários aspectos verbais da língua portuguesa no Ensino Médio. Uma das explicações para que esse tema seja evitado é o despreparo e até o desconhecimento desse tema por parte dos professores. Outra justificativa para que o aspecto seja tão pouco explorado é a falta de consenso por parte dos gramáticos, pois para alguns autores o aspecto é basicamente uma categoria que trata da duração da ação, e pouco tem a ver com o tal do tempo verbal, que é o que a maioria enfatiza.

Travaglia (1985:53), afirma que não há porque separar, radicalmente, aspecto e modo de ação, pois o aspecto é uma categoria verbal de tempo, não-dêitica, pela qual se marca a duração da situação ou suas fases. Essa duração contínua ou descontínua dos eventos pode ser classificada segundo suas nuanças: durativo, indeterminado, iterativo, habitual, pontual, e ainda podem ser esmiuçados em três fases: de realização, de desenvolvimento e a fase de completamento com os seguintes aspectos: não-começado, não-acabado, inceptivo, cursivo, terminativo, perfectivo, imperfectivo e não-atualizado. Ele elabora o seguinte quadro de aspectos com seus respectivos parâmetros :

NOÇÕES ASPECTUAIS			ASPECTOS	
I. DURAÇÃO	1.Duração	A. Contínua	a. Limitada	DURATIVO
			b. Ilimitada	INDETERMINADO
		B. Descontínua	a. Limitada	ITERATIVO
			b. Ilimitada	HABITUAL
	2. Não-Duração ou Pontualidade			PONTUAL
II. FASES	1. Fases de Realização	A. Por Começar		NÃO-COMEÇADO
		A' Preste a Começar (ao lado do aspecto há uma noção temporal)		
		B. Não-Acabado ou Começado		NÃO-ACABADO (ou começado)
		C'. Acabado há pouco (ao lado do aspecto há uma noção temporal)		ACABADO
		C. Acabado		
	2. Fases de Desenvolvimento	A. Início (no ponto de início/primeiros momentos)		INCEPTIVO
		B. Meio		CURSIVO
		C. Fim (no ponto de término/ últimos momentos)		TERMINATIVO
	3. Completamento	A. Completo		PERFECTIVO
		B. Incompleto		IMPERFECTIVO
Ausência de noções aspectuais				Aspecto não atualizado

Quadro 03 - Travaglia (1985:53) noções aspectuais.

Para concluir este capítulo, vejamos alguns materiais didáticos os quais os docentes têm acesso, como esses manuais didáticos propõem o estudo dos verbos e em que gêneros textuais eles são contextualizados.

A editora Moderna oferece a obra: *Português - Língua, Literatura e Produção de Texto* das autoras: Maria Luiza Abaurre, Marcela Nogueira Pontara e Tatiana Fadel. A editora Ática traz a edição compactada em volume único do autor João Domingues Maia, *Português - Série novo ensino médio* e o didático intitulado "*Gramática*", de Faraco & Moura. Todas essas obras são destinadas, principalmente a preparar o estudante para o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e, consecutivamente, para o vestibular. Elas trazem conteúdos abordando temas transversais, diferentes das obras mais antigas que tratavam somente com textos da literatura brasileira e não abordavam produção textual com diversos gêneros

Todas essas obras tratam os capítulos alusivos aos verbos auxiliares, de forma muito superficial. Vale destacar que na obra de João Domingues Maia 1ª edição de 2003, o autor nem menciona verbo auxiliar ou locução verbal nas quinze páginas sobre verbos. Já em "*Gramática*", de Faraco & Moura 12ª edição de 1999, os autores reservam um número bem maior de páginas, sessenta e nove (323-392) para a explicação do conceito, flexão, elementos estruturais do verbo, classificação, vozes, paradigmas e locução verbal, todavia a parte destinada à locução verbal preenche apenas parte da página 356, conforme segue:

> Locução verbal é formada por um verbo auxiliar seguido de um verbo principal. O verbo auxiliar aparece conjugado e o principal numa das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio. Exemplos: a) começaram a falar. b) vou dizer c) estava indo d) ia pulando e) andam sonhando f) puseram-me a comer g) havíamos comentado h) fui demitido. A locução constitui um todo indivisível; ou seja, os vários componentes formam, na realidade, um só elemento.

Os autores confirmam que a ideia central é expressa pelo verbo principal, enquanto os verbos auxiliares indicam flexão, tempo, modo, pessoa, número, voz e aspecto.

Após analisarmos o processo histórico e as características principais dos livros didáticos no que diz respeito ao estudo das locuções verbais, percebemos que é de suma importância o uso de materiais extras para o ensino/aprendizagem desse tópico gramatical, porque o livro didático tem deixado explícito somente o que de fato é de rigor interpretativo na gramática normativa, razão pela qual os alunos não têm o hábito de reconhecer o que claramente significa uma locução verbal e, menos ainda, o aspecto verbal.

CAPITULO III

DE VERBO PLENO A VERBO ASPECTUAL

Neste capítulo apresentaremos inicialmente informações sobre as amostras que constituem o *corpus* desta dissertação. Manifestaremos quais foram os motivos para selecioná-lo e explicaremos os percursos e critérios relevantes que nortearam a descrição dos padrões funcionais e favoreceram o reconhecimento da auxiliarização do verbo *viver*, fenômeno linguístico em processo de gramáticalização. Também apresentaremos uma amostra do tratamento dos princípios, estágios e parâmetros de Hopper (1991), Heine (1993) e Lehmann (1995) com dados exemplificativos do verbo *viver* retirados de *corpus* especificamente constituído para a análise da mudança gramatical desse verbo.

1. Constituindo um *corpus* para análise

Para analisar a mudança no recorte do século XX ao XXI, pensamos inicialmente em obter material de língua falada. Na inviabilidade de coletarmos tais materiais, partimos para a tarefa de constituir amostras de língua escrita de um período de grande ebulição social na cidade de São Paulo. Trata-se do período de 1920 a 1945, quando o nacionalismo exacerbado provocou na cidade uma verdadeira "caça" aos estrangeiros e oposicionistas do governo.

Localizamos no Arquivo do Estado de São Paulo dossiês produzidos pelos funcionários do DEOPS/SP, referentes a esse período. Separamos um conjunto documental composto por cartas, gênero textual que reúne características híbridas, já que não se trata de cartas pessoais, mas de documentos produzidos em situação

interativa entre os chefes do movimento liderado pelo general Isidoro Dias Lopes, estendendo-se até a organização da Coluna Prestes.

Trata-se de documentação de suma importância para uma melhor compreensão da vida política, social e cultural de São Paulo, pois foram produzidas por pessoas que testemunharam esse período da nossa história. Acreditamos que mesmo que essas correspondências fossem escritas a um superior hierárquico, não havia muita preocupação com relação à normatividade corrente em meados ou final do século XX, pois o sistema ortográfico ainda se estabilizava e a escola ainda tentava reunir meios de incluir a grande massa de crianças. Por isso, acreditamos que teremos acesso à língua em uso e não apenas à norma. Dessa forma, teríamos grande chance de identificar ocorrências da colocação[10] : *viver* + verbo no gerúndio e *viver* + a + verbo no infinitivo nesse rastreamento linguístico.

A segunda parte do *corpus* refere-se à modalidade falada que reflete a evolução da sociedade e seus padrões sociais de tempos em tempos. Para essa análise selecionamos entrevistas variadas concedidas ao jornal *Folha de S. Paulo* e à revista *VEJA*, privilegiando temas de teor político, socioeconômico, educacional, religioso entre outros. Optamos por essas duas fontes dois motivos: um linguístico e outro metodológico. O linguístico deve-se ao fato de que esses meios de comunicação representam o português padrão e adotam regras normatizadas para a redação que se aproximam da normatização tradicional. O motivo metodológico refere-se ao fato de que esses materiais disponibilizam não apenas a entrevista falada, mas ainda a transcrição providenciada por jornalistas vinculados a esses meios de comunicação. Dado que essas amostras de fala são entrevistas que pertencem ao gênero

[10] Colocação indica uma combinação provável mais aceita pelos falantes nativos da língua. Ela é arbitrária e não segue padrões pré-estabelecidos pela semântica ou sintaxe, embora essas construções *viver* + verbo no gerúndio e *viver* + a + verbo no infinitivo possam ser consideradas em determinado nível conceptual, como sinônimo de *estar sempre*.

jornalístico, o principal objetivo para sua produção é expor informações ao leitor sobre um determinado assunto. Embora sejam originalmente orais, as entrevistas perdem muitos traços da oralidade e do contexto situacional, pois, quando transcritas, são editadas. Contudo o contexto interacionista permanece e, para a análise do objeto de estudo em questão, o verbo *viver* na função de auxiliar a perda dos traços orais como: redução fonética, pausa, alongamento, repetição dentre outros não acarreta nenhum prejuízo a essa análise com base no discurso.

Ainda compondo amostras da modalidade falada, analisamos vinte debates, cada um com duração de uma hora, exibidos na MTV *(Music Television* – edição brasileira). Trata-se do *MTV Debates,* um programa semanal que discute os assuntos mais polêmicos do momento. Selecionamos os seguintes temas:

"*Jornalista precisa de diploma*?" (24/06/2009)
"*O Casamento à moda antiga está ultrapassado*?" (10/06/2009)
"*A mídia impressa vai acabar*? " (20/05/2009)
"*Você concorda com as mudanças no vestibular*?" (15/04/2009)
"*O que está acontecendo no Senado*?" (12/08/2009)
"*Você é a favor da maioridade penal*?" (17/07/2009)
"*As pessoas estão exagerando no consumo dos remédios*?" (08/07/2009)
"*O mundo está muito politicamente correto*? (06/08/2009)
"*As redes sociais são úteis ou perda de tempo*?" (28/06/2009)

Os convidados a participar desses debates são especialistas, profissionais, estudantes e pessoas comuns. Diante da discussão do tema, predomina o estilo formal dos participantes, mesmo nos momentos mais acalorados. Vale destacar um fator relevante, a espontaneidade na fala dos entrevistados é muito evidente. O vídeo e o áudio desses vinte programas foram gravados para utilização nesta pesquisa.

Todas essas amostras foram reunidas em um único corpus, em que rastreamos os variados padrões funcionais do verbo *viver*. Devemos esclarecer que nos debates da MTV não encontramos nenhuma ocorrência do verbo.

O primeiro passo para identificar que uma forma passa por mudanças categoriais é proceder ao levantamento de dados e, com base neles, depreender funções distintas de uma mesma forma (*types*). Outra forma é quantificar século a século a frequência global (*tokens*) de uma mesma forma. Se houver aumento gradual dessa frequência, é praticamente certo que houve também uma expansão de padrões funcionais (*types*).

Bybee (2003), a respeito da interação *token/type*, discute a atuação da repetição como um dos principais fatores responsáveis pela criação da gramática. Segundo a autora, dois são os métodos relevantes para calcular a frequência: (a) a frequência *token* ou textual, que diz respeito à frequência de ocorrência de um item/construção, independentemente de seu significado/função; e, (b) a frequência *type*, que diz respeito à frequência com que um padrão funcional particular ocorre, podendo ser avaliada por meio da consideração das diferentes funções assumidas pelo item ou construção. Contudo, a autora esclarece que a alta frequência não resulta em gramaticalização, mas indicia sua identificação e desempenha importante papel no enfraquecimento de forças semânticas, nas mudanças fonológicas de redução e de fusão de formas, na extensão de uso da forma a novos contextos com novas associações pragmáticas, dentre outros.

Nesta dissertação, voltaremos nossa atenção exclusivamente para a frequência global (*token*), com vista a subsidiar estudos futuros que se voltem ao estudo de *types*. Não nos eximiremos, entretanto, de segmentar esses *tokens* em *types*, mesmo que não controlemos as frequências desses padrões específicos.

Os quadros a seguir apresentam as amostras pertinentes às produções escritas e orais e suas respectivas frequências *token*:

Amostra	Quantidade	Período	Ocorrência do verbo *viver*
Dossiês do DEOPS/SP	200	1920 a 1945	01
Totais	**200**	**25 (anos)**	**01**

Quadro 04 - Amostras de produções escritas do verbo *viver*

Amostra	Quantidade	Período	Ocorrência do verbo *viver*
Entrevistas VEJA	200	2003 a 2010	12
Entrevista Folha de S. Paulo	200	1945 a 2010	14
Totais	**400**	**65 (anos)**	**26**

Quadro 05 – Amostras de produções orais transcritas do verbo *viver*.

Com base nesse resultado de ocorrências, notamos que: no primeiro período sincrônico do século XX (de 1920 a 1945), somente uma ocorrência foi realizada; no segundo período do século XX (1945 a 2010), quatorze ocorrências foram encontradas; e no período parcialmente sobreposto do século XX ao XXI (2003 a 2010), identificamos doze ocorrências. Somam-se 27 *tokens* a compor a

base para identificação de padrões funcionais que possivelmente terão se expandido durante o século XX, haja vista que o levantamento lexicográfico já deu pistas disso.

2. Padrões funcionais do verbo *viver*

Para efetivar o controle de estágios e aplicação de princípios de gramaticalização, será necessário empreender uma separação dos padrões funcionais do verbo *viver*. Para Bybee (2003), essa separação se justifica também para o controle mais adequado da produtividade dos usos. Essa é a razão por que a autora propõe que se controle dois tipos de frequência no processo de gramaticalização: a *type* e a *token*.

Por intermédio desse controle, o analista pode resgatar como a estrutura da língua é moldada processualmente e pode perceber que, quanto mais frequente torna-se um item, maior a probabilidade ele tem de ampliar seu espectro funcional. Portanto, após analisar os dados quantificados, identificamos três padrões funcionais:

Viver 1: neste conjunto, reúnem-se os verbos plenos seguidos de adjuntos adverbiais de modo. Nessa função, o verbo pode ser parafraseado por “seguir na rotina diária” e é empregado para caracterizar o modo e estilo de vida de uma pessoa.

Folha de São Paulo - Como é viver hoje como herdeiro dinástico 200 anos após a chegada da família real ao Brasil?

Dom Luiz de Orleans e Bragança - **Vivemos sem luxo** nem esplendor. **Vivemos com os recursos** que nós temos, que não são muito grandes. Alguns [dos herdeiros] têm empregos, outros vivem --como meu irmão d. Bertrand e eu-- de auxílio de monarquistas que nos ajudam a tocar a vida mas sem nenhum luxo --como você pode ver essa casa não é um palacete, é uma casa média.

(Folha de S. Paulo – 04 de março de 2008)

Viver 2: neste padrão funcional, reúnem-se os verbos com aparente comportamento híbrido, dada sua natureza histórica: ao mesmo tempo em que pode ser interpretado em alguns casos como verbo auxiliar (*vive internado*, por exemplo, equivalendo a *está internado com frequência, está matriculado na escola*) também pode ser analisado, em alguns contextos, como verbo de estado ou de ligação (*vivia contente*) determinando que o adjetivo posteriormente colocado seja um predicativo. O verbo pleno, na primeira estrutura, ficará no particípio passado, aproximando-se de um adjetivo deverbal. Há casos em que essa distinção torna-se bastante difícil, por isso esse contexto de ambiguidade, segundo defendem os estudiosos de gramaticalização (Heine *et alii*, 1991; Hopper, 1991; Lima-Hernandes, 2005) são deflagradores das mudanças, porque falantes passam, por analogia a aplicar a outras classes. É o que vemos quando esse tipo de estrutura é estendido a viver + adjetivo não-deverbal (*vive feliz)*. Chamaremos de **viver 2a** os verbos *viver* que se juntam a particípios passados ou adjetivos deverbais e chamaremos de **viver 2b** os verbos *viver* que se juntam a adjetivos não-deverbais.

Veja - O senhor chegou a pensar que poderia morrer?

Kurland – Sim, durante as sessões de quimioterapia, em 1988, a fase mais difícil da doença. Eu tinha febre, transpiração constante e tremedeiras e **vivia hospitalizado**, passando por dezenas de exames e procedimentos cirúrgicos.

(Entrevista: Geoffrey Kurland - Rosana Zakabi - Edição 1789 - 12 de fevereiro de 2003)

Veja - Em um quadro assim, as elevações bruscas da pressão arterial podem culminar em infarto ou derrame ?

Décio Mion - Bem, embora possa ter origem genética, a pressão alta é um distúrbio decorrente, sobretudo dos maus hábitos da vida moderna. Com uma agravante muitos de seus fatores de risco pioram uns aos outros. O stress e a privação de sono, por exemplo: quem **vive estressado** dorme mal e quem dorme mal vive sob constante stress.

(Edição 2150 – 03 de fevereiro de 2010)

Viver 3: neste padrão funcional, agregam-se verbos que assumem a função de codificar as marcas morfológicas do verbo pleno que o segue, e este assumirá a forma de verbo na forma nominal de gerúndio (**viver 3a**). Essa forma verbal, por si só, indicaria a dinamicidade da ação, por isso o verbo *viver* assume a função de delimitar o recorte dessa dinâmica por meio da categoria de aspecto. O verbo *viver* assume, assim, sua função de aspecto habitual cursivo, o que, nos moldes de Heine, o credenciariam para ser um verbo quase-auxiliar. Também podem assumir a construção (a + verbo pleno no infinitivo [abstrato]) (**viver 3b**). Esses dois tipos trazem o verbo *viver* exprimindo o valor de aspecto iterativo, pois a cena se repete sem um caráter de continuação, mas de repetição de cenas temporalmente desconexas. Há, contudo, um conjunto de verbos plenos que propicia a leitura ainda do aspecto presente no padrão funcional anterior, qual seja, o aspecto cursivo. Tanto em um quanto em outro o que determina a leitura do aspecto iterativo ou cursivo é justamente a semântica do verbo pleno e não a do verbo quase-auxiliar que continua marcando o aspecto cursivo. Chamaremos a estes últimos casos citados (os que se ligam a verbos plenos que propiciam leitura de duração da ação) de **viver 3c**[11].

Grande Othelo: "Adoro esta cidade, a avenida São João, a Barra Funda, a garôa... Mas não "trago" êsse negócio de "batente". Essa gente **vive trabalhando** !... E eu sou da lei do menor esfôrço. **viver 3a**

(Folha - 08/06/1945)

" Desta data para ca sua inercia foi em aumento e **vive a dizer** que tem mil ferimentos (que bem contados não passarão de 3 ou 4 salvo se contusões e pontos medicos são considerados tambem ferimentos): que fez isto mais aquillo..." **viver 3b**

(DEOPS/SP - 27/06/1925)

[11] Não encontramos dados de viver3c, mas é um padrão que pode gerar uma discussão interessante, por propiciar a leitura de deslizamento entre tempo e aspecto (já admite o verbo pleno admite a leitura de oração de tempo do verbo *viver*), mas também permite a leitura de tempo a qualidade (já que o verbo que ocupa a segunda posição pode indicar o modo da ação codificada pelo verbo *viver*). Esses contextos de forte ambiguidade são considerados os pontos de grande tendência de reanálise pelos estudiosos da gramaticalização.

A partir dessa análise dos padrões funcionais e das ocorrências que evidenciaram o processo de gramaticalização na auxiliarização do verbo *viver*, foi possível identificar em que período, possivelmente, teria ocorrido esse fenômeno de mudança que permitiu o emprego do verbo *viver* em sua função mais abstratizada na língua falada e escrita.

O padrão de uso mais gramaticalizado no português falado no Brasil, podemos assegurar que são as construções que agregam: verbo *viver* (auxiliar) + verbo pleno no gerúndio denotando sentido concreto e/ou abstrato. A ocorrência mais antiga do *corpus* colecionado da língua falada foi na entrevista concedida pelo ator Grande Othelo à *Folha de S.Paulo,* em 08/06/1945: "Adoro esta cidade, a avenida São João, a Barra Funda, a garôa... Mas não "trago" êsse negócio de "batente". Essa gente **vive trabalhando**!...".

É certo que esta não foi a primeira manifestação desse padrão funcional na língua, mas certamente, por se tratar de uma figura pública dirigindo-se a um público não-delimitado por variáveis de estratificação (diastráticas e diatópicas), é muito provável que representava um segmento de fala e pode ter influenciado a sedimentação desse uso em algumas camadas, se Othelo tiver sido líder de mudança mudança, pois teria o poder de fazer difundir usos. Essa, contudo, é somente uma especulação sem valor científico, posto que não é alvo de checagem nesta dissertação.

Na língua escrita, a ocorrência mais antiga no *corpus* colecionado está registrada numa carta datada de 27/06/1925: " Desta data para ca sua inercia foi em aumento e **vive a dizer** que tem mil ferimentos (que bem contados não passarão de 3 ou 4 salvo se contusões e pontos medicos são considerados tambem ferimentos): que fez isto mais aquillo...".

É muito provável que esse não seja o primeiro registro escrito desse verbo constituindo uma perífrase, porém, depois de uma incursão sincrônica que envolveu o estudo de dossiês do DEOPS/SP no período de 1920 a 1945, esse foi o exemplar mais antigo identificado durante esta pesquisa. Refletindo sobre o que pode ser mais antigo na língua portuguesa, percebemos que o verbo *viver* + verbo no infinitivo, por ser uma construção sintática mais frequentemente empregada no português europeu, pode ser mais antiga do que aquela empregada com gerúndio (característica da variedade brasileira).

É importante ressaltar que na ocorrência "… **as escolas vivem trocando** de diretor… " (Veja 01 de fevereiro de 2006), há uma forma metaforizada envolvendo o sujeito e esse dado pode ser considerado mais abstrato do que aquele que tem um sujeito humano e animado. De acordo com Heine *et alii* (1991: 47), quando um determinado verbo que tipicamente seleciona um sujeito [+ animado, + humano] passa a ser usado com um sujeito [- animado], este é derivado por metaforização daquele e esse processo de transferência seria típico do processo de gramaticalização. Encerramos esta seção com um quadro resumindo os quatro padrões funcionais do verbo *viver*.

Padrões funcionais do verbo *viver*	
Viver 1	verbo pleno + advérbio de modo: *vivemos sem luxo*
Viver 2	**viver 2a**: verbo auxiliar indicando frequência (estar sempre) (aspecto durativo): *vivia hospitalizado* **viver 2b:** verbo pleno (de estado ou de ligação) + adjetivo (predicativo do sujeito) (aspecto pontual): *vivia feliz*

Viver 3	**viver 3a:** verbo quase -auxiliar + verbo pleno (aspecto habitual iterativo): *vive trabalhando* **viver 3b:** verbo auxiliar + a + verbo pleno no infinitivo (aspecto iterativo): *vive a dizer* ***viver 3c:** verbo quase-auxiliar+verbo pleno (aspecto cursivo): *vive* sofrendo

Quadro 06 - Padrões funcionais do verbo *viver*.

Feito o reconhecimento dos padrões funcionais do verbo *viver*, devemos agora recorrer à quantificação de *types*:

Usos	**Veja**	**Folha de SP**	**DEOPS /SP**	**Total**
Viver 1	32 (37,6%)	24 (28,2%)	29 (34,1%)	85 (42%)
Viver 2	28 (35,8%)	37 (47,4%)	13 (16,6%)	78 (38.5%)
Viver 3 viver 3a viver 3b	12 02 (35,8%)	14 04 (46,1%)	01 06 (17,9%)	27 (13.5%) 12 (6%)
Total	**74**	**79**	**49**	**202 (100 %)**

Quadro 07: Análise quantitativa do verbo *viver.*

Notemos que o padrão mais recorrente de forma global no *corpus* é o viver1, mas viver2 não se distancia muito em números de casos. Olhando agora para o gênero discursivo, percebemos que há certo equilíbrio entre entrevistas e relatos do DEOPS. No que se refere a viver2, que permite estratégias de qualificação, são menos usuais nos relatórios de investigação policial. E os mais abstratos dos usos,

viver3, ainda que pouco frequente nos materiais em que colhemos dados, notamos uma distribuição bem diversa entre as entrevistas e o relatório formal do DEOPS, porque há uma reversão da distribuição da alta frequência.

Considerando que a formalidade do relatório do DEOPS possa oferecer pistas sobre restrição de usos de língua escrita e considerando que viver3b (viver+a+infinitivo) é mais frequentemente, associado ao mais alto grau de formalidade, por refletir um padrão europeu de uso, então teríamos o seguinte *continuum*:

[+ formal] - [- formal]
DEOPS - - - Folha SP - - - - Veja

Considerando, agora, que haveria um paralelo entre usos e tipo de texto, como demonstrou Barroso (2008), então teríamos em sequências textuais menos abstratas (como aquelas encontradas em narrações e relatos) padrões funcionais menos abstratos também. Verifiquemos essa distribuição no *continuum* que segue:

[sequências + concretas] - - - - - - - - - - - [sequências + abstratas]
viver 1 (Veja) viver 2 (Folha) viver 3 (Folha)

3. Avaliando a atuação de categorias cognitivas

A partir desses padrões funcionais estabelecidos, foi possível identificar o indício da mudança funcional do verbo *viver* já a partir da década de 1920 e, por conseguinte, traçarmos uma provável rota de gramaticalização desse item. O critério

básico para essa segmentação é a estrutura sintática conjugada ao efeito discursivo nas ocorrências com o verbo *viver* em dados da língua falada e escrita.

A seguir, apresentamos um *continuum* unidirecional utilizando a escala de categorias cognitivas propostas por Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991, p. 55): pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade, em sua proposta de versão sugerida pelo Grupo de Pesquisa em Mudança Gramatical para: pessoa > objeto > instrumento > espaço > tempo > processo > qualidade.

(+ concreto) …….……..……..…….. (- concreto)
Viver 1 > > > Viver 2 > > > Viver 3

Esse *continuum*, em contrapartida, não se sustenta a partir dos dados identificados, pois o padrão 2 demonstrou-se ambíguo em alguns contextos, o que fez com que dividíssemos esses dados em dois grupos distintos (viver 2 **a** e **b**), sendo que um derivaria do outro.

Também o padrão 3 demonstrou-se diverso em comportamento formal e funcional. Enquanto pensávamos sobre o fato, encontramos vários dados em outros materiais em que o verbo *viver* combinava-se com verbos que em seu sema já continha um aspecto durativo, como é o caso de *sofrer*, mas não encontramos esse caso em nossos dados. Os casos encontrados especializaram-se em marcar a repetição de uma cena em momentos distintos, o que não configuraria o aspecto durativo, mas iterativo.

Hipotetizando um *continuum* que dê conta desse desenvolvimento histórico, apresentamos a seguinte proposta, que abarca a unidireção como princípio de

gramaticalização, mas reclama uma discussão mais refinada e baseada em dados históricos para a questão da unilinearidade:

...espaço > tempo > processo > qualidade
aspecto
viver 1 viver 2a > viver2b
> viver3c > viver3a/viver3b

Considerando o princípio da unidirecionalidade, o *continuum* representado acima revela que o uso do verbo *viver* passou por uma mudança. Ele partiu de uma forma plena e concreta de categoria mais contígua ao indivíduo e seguiu uma rota unidirecional abstratizando-se e, consequentemente, assumindo traços menos humanos.

4. Checando a atuação dos estágios de Heine (1993)

Retomando a proposta de Heine (1993), apresentada no capítulo 1 (Fundamentação Teórica), apresentamos alguns estágios em que a gramaticalização do verbo *viver* pode ser verificada. Constatemos no exemplo (a) o estágio **A**, pois o verbo *viver* está denotando seu significado lexical pleno e na sua origem concreta.

a) Ele **vive** em um **trailer** há cinco anos. (VEJA)

Outra característica desse estágio é que o complemento do verbo (um trailer) também é de procedência concreta e liga-se à categoria objeto.

No estágio **B,** o verbo *viver* começa sua rota da auxiliarização, mas ainda não é um auxiliar; isso porque nas construções que seguem há ocorrência de termos como: complementos nominais ou complementos representados por verbos não-finitos. Exemplo:

a) vivemos de costurar. (Castilho.)
b) Agora vive com más companhias. (Caldas Aulete Digital)
c) A fama dos heróis viverá para sempre (Caldas Aulete Digital)
d) vive rindo de tudo. (Houaiss, 2001)
e) vive a reclamar que ganha pouco. (Houaiss, 2001)
f) Ela vive aventuras maravilhosas - ela vive aventurando-se. (Houaiss, 2001)

Uma das principais características do estágio **(C)** que o verbo *viver* atinge é a capacidade de poder ter **referentes não-humanos,** haja vista nesse estágio de gramaticalização ele não ser mais auxiliar prototípico.

a) As **escolas vivem trocando** de diretor. (VEJA)

Quanto aos estágios finais, não houve ocorrências com o verbo *viver* que pudessem corroborar as seguintes principais características: impossibilidade de formar imperativos, tendência do verbo em gramaticalização ser visto como pertencendo a outra classe que não a de verbo, perda fonológica e a perda da característica verbal, o que o torna um marcador gramatical puro com a forma de um afixo flexional sem acento próprio distintivo. Contudo, o verbo *viver* percorreu os três primeiros estágios, que remetem a um deslizamento de sua condição plena (lexical) concreta para tornar-se auxiliar. Também vale ressaltar que, para a consolidação desse processo de gramaticalização do verbo *viver*, não é obrigatório que o verbo passe por todos os

estágios. Ademais, a recategorização desse verbo ainda é muito recente. Fatores sociolinguísticos e o decorrer das décadas poderão acomodá-lo em estágios mais avançados se for intensamente empregado pelos usuários da língua.

4. Checando os princípios de Hopper (1991)

Para o desenvolvimento desta seção, retomamos a proposta de Hopper (1991), já explicitada no capítulo 1 (Fundamentação Teórica). Trata-se de cinco princípios que permitiriam reconhecer a atuação do processo de gramaticalização já desde os momentos iniciais.

O primeiro, a **estratificação,** pode ser depreendido a partir da instauração de cada regra variável que é ampliada com a emersão de um novo padrão funcional do item sob análise. No exemplo (**a**), temos um verbo pleno que é empregado no sentido de *morar, habitar*. Portanto a estratificação se mostra no reconhecimento da ampliação da regra variável em que competem *viver* e seus sinônimos: *viver, morar, habitar*. Todos eles são verbos plenos e todos compartilham a característica de ser intransitivo, não subcategorizando nenhum argumento interno. O exemplo (**b**), por sua vez, constitui regra variável com os seguintes verbos: *permanecer, manter-se*, entretanto, o verbo *viver* é mais neutro por não marcar que a continuidade sem pausa da ação em desenvolvimento em contraste com *permanecer* e *manter-se*, daí a necessidade de seu emprego.

a) Marta Suplicy: "… acredito que a situação vai ser esclarecida e que nós não vamos ter que pagar uma multa que seria absolutamente improcedente de acordo com **o país democrático em que vivemos**. "

(Folha de S. Paulo - 17 de junho de 2008)

b) Chico Buarque: **“ ..** a minha tentativa de aproximação com meu pai foi através da literatura. **Ele vivia fechado** na biblioteca, e eu, que tinha medo de penetrar naquele território, começei a ler algumas coisas. Ele me indicava desde clássicos, como Flaubert, até Céline, Camus e Sartre. Li, ainda em francês, Kafka, Dostoiévski, Tolstói e uma boa dose de literatura russa …”

(Folha de S. Paulo - 09 de janeiro de 1994)

Utilizamos a próxima ocorrência (**c**), para evidenciar o segundo princípio: a **divergência**, que é uma extensão do primeiro acrescido a diferentes graus de gramaticalização de um mesmo item em um contexto. Comparemos o uso do verbo *viver* em a, b e c, em que, a despeito de terem a mesma forma gráfica, distanciam-se funcionalmente, daí os traços divergentes apresentados entre parênteses ao final de cada exemplo.

a) “ O país democrático em que **vivemos**.. ” *(verbo pleno, indicando: habitar, morar.)*

b) “ Ele **vivia** fechado na biblioteca …” *(verbo pleno+predicativo, indicando uma ação iterativo.)*

c) Deputado Arlindo Chinaglia: “ Os corruptos **vivem aperfeiçoando** seus métodos de desviar dinheiro público.” *(verbo auxiliar, indicando aspecto cursivo.)*

(VEJA, maio 2008 - edição 2061)

O terceiro princípio, a **especialização**, permite reconhecer que um uso se torna tão restrito a uma função que impede que o falante tenha um amplo leque de escolhas a sua disposição. É o que ocorre com a ocorrência (**d**), em que o verbo fazer assume uma função específica de indicar hábito (traço iterativo), mas não sequencial, portanto com espaços de não-ação entre os atos que se repetem (faz promessas como hábito, mas não o tempo todo). Essa especificidade impede que o falante tenha à sua disposição sinônimos, como *permanecer* ou *manter-se*, pois não há nesses itens a ideia de ações que se repetem com intervalos de não-ação.

d) Ministro Waldir Pires (Defesa): "Dentro da favela, não podemos botar soldado". Mostra como o governo federal está longe de atender às demandas dos Estados e de cumprir as promessas que ele mesmo **vive fazendo.**

(Folha de S. Paulo - 08 de janeiro de 2007)

Vale destacar que de acordo com o *corpus* desta pesquisa, o verbo *viver* pleno na concepção de *habitar, morar,* continua mais especializado com 42% das ocorrências, porém seguido bem de perto com a concepção de “estar sempre” (38.5%) em construções com aparente comportamento hibrido. Em alguns contextos, ele pode ser analisado como verbo de estado ou de ligação, por exemplo: ela *vive* triste.

A **persistência** remete ao princípio por meio do qual reconhecemos que traços etimológicos mantêm-se íntegros mesmo nos padrões funcionais mais inovadores. É o que percebemos com o traço durativo se mantém como traço etimológico mais forte em todos os padrões funcionais. Mesmo submetida a um forte processo de gramaticalização, a forma continua a manter um vínculo com sua etimologia. No exemplo (**e**), o verbo *viver* mantém seu traço etimológico de duratividade da ação marcada.

e) **Veja –** O senhor tem visitado escolas públicas em suas pesquisas. O que tem encontrado?

Gall – A situação é muito insatisfatória. **As escolas vivem trocando** de diretor, os professores trabalham tanto que não decoram o nome dos alunos.

(VEJA, fevereiro de 2006)

A **decategorização,** o quinto princípio, remete ao fato de um item em franco processo de gramaticalização sofrer abstratização, culminando, muitas vezes, com a mudança de classe gramatical. É o que ocorre com o verbo *viver*, visto que sua gramaticalização o decategorizou para a função de auxiliar, uma categoria secundária. Nessa categoria, o verbo não tem mais propriedades sintáticas e semânticas; em decorrência desse processo, ele perde a capacidade e a autonomia de selecionar argumentos com os quais se combinaria e passa a carregar as marcas atinentes ao verbo principal. Vejamos as ocorrências a seguir:

f) **Veja –** Mas Dirceu **vive dizendo** que não existem provas contra ele.

Serraglio – Prova não é só documento. Há muitos testemunhos contra ele.

(VEJA - janeiro de 2006)

g) Técnico Muricy Ramalho: " Apesar de pregar e aparentar eu **vivia chateado** com a diretoria do clube."

(Folha de S. Paulo, 19 de fevereiro de 2010)

Na ocorrência (**f**), o verbo *viver* já não marca mais seu valor semântico pleno, ele limita-se a indicar aspecto cursivo. Em (**g**), indica estado, trata-se de um verbo de ligação, ele assume a função de identificar uma qualificação do sujeito, não mais da ação.

Nota-se, portanto, que o verbo *viver* assumiu uma nova função e foi possível reconhecê-la mediante aplicação dos princípios de Hopper. Podemos, assim, testificar que a nova função assumida pelo verbo *viver*, a de auxiliar, é um caso evidente de gramaticalização.

6. Checando os parâmetros de Lehmann (1982)

Como pudemos notar com a exposição teórica sobre a proposta de Lehmann (1995 [1982]), no capítulo 1 (Fundamentação Teórica), os parâmetros sugeridos são os seguintes: peso, coesão, variabilidade e conexidade.

Esses parâmetros podem ser observados em dois eixos: paradigmático e sintagmático. No eixo paradigmático, o fator *peso* diz respeito, principalmente, ao desgaste tanto semântico quanto fonológico em verbetes com mais de três sílabas, não se aplicando, portanto, ao verbo *viver* que possui duas sílabas em todos os

padrões funcionais identificados. No mesmo eixo, a *coesão* mostra que os verbos plenos constituem um paradigma aberto com várias possibilidades de variação paradigmática (ex.: *viver* como verbo pleno admite substituições similares, a depender do contexto, pelos seguintes verbos: morar, residir, habitar, assistir), porém na função de auxiliar as opções se restringem e é necessária a formação de expressões linguísticas para a substituição, exemplo: *estar sempre*.

Com relação à *variabilidade*, esta nos revela que a mudança sofrida pelo verbo *viver* de pleno para auxiliar não lhe assegura uso restrito, pois essa nova função de auxiliar passa a competir com outras formas já gramaticalizadas. Já no eixo sintagmático, o fator *peso* gera o aumento do grau da gramaticalização do verbo *viver* e, consequentemente proporciona a diminuição do seu escopo. Por exemplo: *viver* como verbo pleno permite vários sintagmas nominais como complemento, ao passo que na função de auxiliar somente integra uma perífrase e seu escopo é outro verbo. A *conexidade* também é aplicada, pois na função de auxiliar o verbo *viver* não define a estrutura argumental da predicação. Concernente à *variabilidade* sintagmática, a posição fixa do item nesse sintagma é uma indicação de maior grau de gramaticalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi realizada uma análise para o entendimento do processo de gramaticalização do verbo *viver*, sua mudança categorial propiciada por alterações sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas. Para isso, foram considerados de forma mais relevante quatro fatores: o suporte metodológico a partir do trabalho de Lima-Hernandes (2007); a constituição de amostra que pudesse nos fornecer dados suficientes para identificar padrões funcionais distintos do verbo *viver*; e, por último, meios de medir o processo de gramaticalização: Hopper (1991), Lehmann (1982) e Heine (1993).

Nossa pergunta inicial era se o verbo *viver* estaria em franco processo de gramaticalização como intuíamos a partir de alguns dados observados durante o curso de pós-graduação. Precisávamos de um embasamento teórico fincado na gramaticalização e por isso recorremos à obra de Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991) e outras leituras subsidiárias para a compreensão de alguns pressupostos contidos naquela.

Para controlar mais adequadamente o processo de gramaticalização, como já o dissemos, recorremos a alguns autores que desenvolveram testes amplamente utilizados por pesquisadores brasileiros. O primeiro deles é Hopper (1991), que propôs um modelo baseado em cinco princípios que auxiliariam o pesquisador a reconhecer um processo de gramaticalização deflagrado, mesmo que em estágios tenros de mudança. Os cinco princípios se responderam bem aos dados do verbo *viver* e ratificaram nossa intuição de que um processo de gramaticalização estaria em curso, ainda que lenta e gradualmente. A estratificação permitiu reconhecer que cada um dos três padrões funcionais competiam em regras variáveis distintas ou em domínios funcionais diversos. A divergência se mostrou atuante entre cada um dos padrões

funcionais e mesmo entre subpadrões, ou seja, em usos que poderiam ser os deflagradores da mudança, tal a alta ambiguidade reconhecida. A especialização se mostrou fortemente associada ao padrão 3 de uso, já que demarca algo que fica entre tempo e processo, mas demarcando o aspecto desse processo de forma especializada (ou cursivo ou iterativo, a depender do verbo pleno que acompanhava). A persistência de traços de dinamicidade delimitada foi presente no desenvolvimento dos padrões 2 e 3, o que garantiria a abstratização funcional prevista. A decategorização foi mais evidentemente marcada entre 3 padrões funcionais, ainda que subpadrões puderam ser identificados, mas não segmentados de forma mais clara ainda. Precisaríamos ter acesso e tempo para realização de um rastreamento histórico de dados.

Do ponto de vista da checagem de princípios, podemos afirmar que esses princípios de modo geral acomodaram os dados que continham o verbo *viver*, indicando a mudança de *habitar* ou *morar* (42%) para padrões mais abstratos de frequência de realização da ação codificada pelo verbo pleno. Os resultados em todos os níveis de análise puderam dar conta da unidirecionalidade, princípio mor da gramaticalização, mas não da unilinearidade, inicialmente imaginada.

Os parâmetros propostos por Lehmann (1995 [1982]), divididos em dois eixos, paradigmático e sintagmático, permitiram reconhecer os efeitos da gramaticalização sobre o verbo *viver*. No eixo paradigmático, o fator *peso* não se aplicou ao verbo *viver* dado que o mesmo manteve o mesmo número de sílabas em todos os padrões desenvolvidos. Pode-se falar, contudo, em desgaste semântico. No mesmo eixo, a análise da *coesão* permitiu reconhecer que os verbos plenos constituem um paradigma aberto com várias possibilidades de variação paradigmática tal como o *viver* explicitou (ex.: *viver* como verbo pleno admite substituições similares como: morar, residir, habitar, assistir), porém na função de auxiliar suas opções são significativamente restringidas de tal modo que somente pela combinação de formas

se chega ao mesmo efeito discursivo (exemplo: *estar sempre)*. Com relação à *variabilidade*, esta nos revelou que a mudança sofrida pelo verbo *viver* de pleno para auxiliar conferiu-lhe um estatuto mais restrito, por marcar o aspecto iterativo e restritivo da ação do verbo principal. Já, no eixo sintagmático, o fator *peso* gerou o aumento do grau da gramaticalização do verbo *viver* e, consequentemente, proporcionou a diminuição do seu escopo (exemplo: *viver* como verbo pleno permite vários sintagmas nominais como complemento, ao passo que na função de auxiliar somente integra uma perífrase). A *conexidade* também se aplicou de modo efetivo e permitiu reconhecer que na função de auxiliar o verbo *viver* não mais é capaz de definir a estrutura argumental da predicação. Concernente à *variabilidade* sintagmática, a posição fixa do item nesse sintagma demonstrou-se indicação de maior grau de gramaticalidade.

Checamos também os sete estágios propostos por Heine (1993) e pudemos notar que o processo de auxiliarização desse verbo já teve início há pelo menos um século na língua. Nos dois primeiros estágios ele segue esta trajetória: parte de sua forma plena, sempre quando o contexto possibilita a interpretação de seu sentido etimológico, sofre uma queda contínua das propriedades, de modo que gradualmente vai se transformando até que, nesse estágio ele não é puramente funcional nem pleno. No próximo estágio, o terceiro, o verbo *viver* perdeu a possibilidade ou capacidade de exprimir toda a gama de distinções de tempo, aspecto e modalidade ficando a serviço de outro verbo, que é pleno. Essa é a trajetória percorrida pelo verbo *viver.* Os demais estágios ele ainda não atingiu, e talvez nunca venha a fazê-lo, pois não é incomum que verbos estacionem a meio caminho da mudança, com vistas a atender as necessidades de uma situação específica de comunicação.

Com relação à hipótese de construções linguísticas com o substantivo *vida* como em : *"*A vida dele é jogar xadrez" (Veja 11/2008) poder gerar hipoteticamente algo, como: "Ele vive para jogar xadrez*"* e consequentemente estaria sujeito a seguir

uma rota de abstratização, como em: “Ele vive jogando xadrez”. Essa linearidade hipotética não foi nem decisiva para a compreensão do comportamento funcional de padrões do verbo *viver*, nem para reconhecer o fator linguístico decisivo para uma explanação justa da evolução do fato linguístico. É, contudo, uma hipótese que poderia ser checada diacronicamente.

No capítulo II, com vistas a cercar o objeto investigado, recorremos a dicionários, gramáticas e linguistas. Realizamos um estudo lexicográfico de obras que foram produzidas entre os séculos XVIII e XXI e pudemos notar que houve a expansão de acepções e usos do verbo *viver*, o que ratificava nossas intuições sobre a ampliação de padrões funcionais do verbo durante o século XX. No registro do verbo *viver* como auxiliar em 1942, no *Dicionário de verbos e regimes* (1942, p. 600) produzido por Francisco Fernandes, vimos que o processo não se havia estagnado. Os seguintes exemplos guiaram nossas intuições: a) Passar a vida “ Mas quanto aos brutos, **vivem a trabalhar** em grandes obras.” b) Dedicar-se “ **vivem a arrazoar**”. Em dicionários de língua portuguesa editados e publicados no Brasil, a auxiliarização desse verbo somente foi registrada pela primeira vez no *Novo moderno dicionário*, de Douglas Tufano, em 1992.

Ainda no capítulo II, pormenorizamos estudos sobre o livro didático utilizado na rede pública do estado de São Paulo e as gramáticas da língua portuguesa utilizados para o ensino-aprendizagem dos verbos, em especial, das perífrases verbais. Esse estudo foi relevante não somente para entendermos melhor a forma de abordagem e a difusão desses usos pela escola, mas também porque esse material didático está diretamente relacionado à língua em uso na sociedade nos períodos mais recentes de publicação orientada pelo Ministério da Educação.

As gramáticas normativas são fonte de consulta para autores e, por isso, alimentam e difundem os padrões assentados na língua dita culta, e os livros didáticos

oferecem exemplos ricos em mudança, mas só exploram o que a gramática veicula como a “boa língua”. Mesmo sabendo dessas influências nas duas mãos do movimento da gramaticalização, não se deve ignorar a influência que essas obras têm na definição e delimitação do que é norma culta, daí a necessidade de recorrer a elas em pesquisas sobre gramática e difusão de usos inovadores.

Feito o levantamento do estatuto do verbo viver em livros didáticos, gramáticas e dicionários, percebemos a suma importância do uso de materiais extras para o ensino/aprendizagem desse tópico gramatical, porque o livro didático tem deixado explícito somente o que de fato é de rigor interpretativo na gramática normativa, razão pela qual os alunos não são treinados para reconhecer o que claramente significa uma locução verbal e, menos ainda, o aspecto verbal.

Ainda que o conteúdo das gramáticas editadas, há pelo menos dez anos, tem contemplado vários gêneros textuais e tem oferecido ótimas condições para o trabalho com o significado e, principalmente, com as condições linguísticas de significações, muito pouca mudança se percebeu no tratamento dos verbos auxiliares, porque há a ênfase nos efeitos semânticos entre interlocutores nos gêneros discursivos que envolvem o ato conversacional, mas ignora-se (ou cala-se) toda a possibilidade de um diálogo sobre dinâmica da língua e efeitos comunicativos.

Evidente que por motivos já exaustivamente discutidos, a aplicabilidade desse aparato teórico tradicional com algumas modernidades vincadas pelas teorias dos gêneros discursivos de modo geral não se demonstra eficaz, pois os docentes ainda sentem a necessidade e, principalmente, sentem-se mais seguros quando lidam com metodologias e conteúdos mais sedimentados, mais conhecidos, mesmo que não eficientes para o ensino.

Referente às gramáticas da língua portuguesa analisadas nesta pesquisa, pouco há para discorrer, pois pouca atenção é destinada à seção que trata de verbos,

menos ainda a verbos auxiliares, excetuando-se Neves (2000), que destina quarenta e duas páginas de sua obra para esclarecer e subdividir esse tema tão relevante da gramática. Portanto, de um modo geral, pode-se observar que ainda se fazem necessários estudos específicos direcionados aos auxiliares, em particular ao aspecto, para que possamos não somente atingir o critério de uniformidade, mas determinarmos com maior clareza quais as propriedades universais dessa categoria e das palavras que estão a serviço dessa marcação gramatical.

Finalizamos este estudo enfatizando os resultados mais importantes desta pesquisa: (i) identificação de três padrões funcionais do verbo *viver; (ii)* ratificação da atuação do princípio da unidirecionalidade, mas não da unilinearidade, de modo que ficou evidente que um processo gradual de mudança de uma forma plena e concreta desliza funcionalmente de uma categoria mais contígua ao indivíduo em direção a funções mais abstratas e, consequentemente, com traços menos humanos. Concernente às categorias cognitivas propostas por Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991, p. 55), confirmamos a aplicação de forma produtiva, principalmente na categoria processo/qualidade para a construção e diferenciação da categoria gramatical *aspecto*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A DEMANDA DO SANTO GRAAL: versão de Augusto Magne. Vol. I. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional / INL - Ministério da Educação e Saúde, 1944.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua* Portuguesa. São Paulo: Saraiva, 1992.

AULETE, Júlio Caldas. *Diccionario Contemporaneo da Língua Portugueza* 5 vol. Rio de Janeiro: Delta, 1958.

Aurélio século XXI: *o dicionário da língua portuguesa*. 3.ed.rev.ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. versão 3.0 Rio de Janeiro: Lexikon informática, [2001].

BARROSO, Paulo Henrique de Oliveira. *Vias de abstratização do verbo BUSCAR no português brasileiro culto: interface entre gramaticalização e gêneros discursivos.* Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2008.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 37º edição, 2003.

BIDERMANN, M.T.C. *Teoria Linguística*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLUTEAU, Raphael. *Diccionario Castellano y Portuguez: para facilitar a los curiosos. Vocabulario Portuguez & Latino.* Lisboa Occidental: Imprensa de Pascoal da Sylva, 1721.

BUSSE, Winfried (Org.). *Dicionário sintáctico de verbos portugueses.* Coimbra: Almedina, 1994.

FARACO, Carlos; MOURA, Francisco. *Gramática*. São Paulo: Ática,12ª edição, 1999.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes*. Porto Alegre: Globo, 1942.

FREIRE, Laudelino. *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: A Noite, 1944.

HEINE, Bernd. *Auxiliares cognitive forces and gramaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friedderike. From cognition to grammar – evidence from African Languages. *In:* TRAUGOTT, E.C. & HEINE, BERND (eds.) *Approaches to grammaticalization.* Volume I: Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991 (pp. 149-187).

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to grammaticalization.* Vol.I: Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991 (pp.17-35).

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LEHMANN , C. Grammaticalization and Related Changes in Contemporary German. In: E. TRAUGOTT & B.HEINE (eds.). *Approaches to Grammaticalization*, v. 2, Amsterdam / Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991 ,pp.493-535.

_____.*Thoughts on Grammaticalization*.München: Lincom Europa, 1995 [1982].

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (Orgs.). *Introdução à Gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 1ª edição, 2007.

_____ . *A Interface Sociolinguística/Gramaticalização – Estratificação de usos de tipo, feito, igual e como – sincronia e diacronia*. Tese de doutoramento. Campinas: IEL/UNICAMP, 2005.

LIMA, Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo: Ática, 2003

MACAMBIRA, José Rebouças. *A Estrutura Morfo-Sintática do Português*. São Paulo: Pioneira, 2001.

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale.* Paris: Libraire Honoré Champion, 1965 [1912].

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. Rio dejaneiro: Livro Técnico, 1968. p.142.

MORAES, Antonio da Silva. *Diccionario da Lingua Portugueza* Moraes. Lisboa, 1813.

MOREIRA, José Francisco. *Dicionário Mor da Língua Portuguesa*. Mor, 1943

NEVES, Maria Helena de Moura. *Uma visão geral da gramática funcional.* Revista Alfa, São Paulo, Vol. 38, 1994.

_____ . *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PONTES, Eunice. *Verbos Auxiliares em Português*. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.

QUADROS Jânio. *Novo Dicionário Prático da Língua Portuguesa*. 2ª ed., 1979.

SAID ALI, Manuel. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

SOARES, Magda. O livro didático como Fonte para a história da leitura e da formação do professor-leitor. In: MARINHO, Marildes (org). *Ler e Navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

TRAVAGLIA Luiz C. *O aspecto verbal: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Imprensa Universitária, 1985.

_____ . *Gramática: ensino plural. São Paulo*: Cortez, 1985.

TUFANO, Douglas. *Novo moderno dicionário*, Douglas Tufano. São Paulo: Moderna,1992.